UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS

FACULDADE DE LETRAS – FALE

SILVINO PEREIRA

COLETÂNEA DE CONTOS FOLCLÓRICOS TRADICIONAIS DA GUINÉ-BISSAU:

Uma tradução cultural de contos da tradição oral guineense

ORIENTADOR: Prof. Dr. Luiz Fernando Gomes

Maceió, AL 2023

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS

FACULDADE DE LETRAS – FALE

SILVINO PEREIRA

COLETÂNEA DE CONTOS FOLCLÓRICOS TRADICIONAIS DA GUINÉ-BISSAU:

Uma tradução cultural de contos da tradição oral guineense

ORIENTADOR: Prof. Dr. Luiz Fernando Gomes

Maceió, AL 2023

Catalogação na Fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico
Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 – 1767

S237p Pereira,Silvino.
Coletânea de contos folclóricos tradicionais da Guiné-Bissau : uma tradução cultural de contos da tradição oral guineense / Silvino Pereira. – 2023.
81 f. : il.

Orientador: Luiz Fernando Gomes.
Monografia (Trabalho de conclusão de curso em Letras – Português) – Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Letras. Maceió, 2023.

Bibliografia: f. 79-81.

1. Literatura guineense. 2. Oralidade na literatura. 2. Folclore - Guiné-Bissau. 3. Tradução. I. Título.

CDU: 82(665.7)

ATA DA REUNIÃO DE JULGAMENTO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DO/A ALUNO/A: Silvino Pereira

MATRÍCULA: 19112729

TÍTULO DO TCC: COLETÂNEA DE CONTOS FOLCLÓRICOS TRADICIONAIS DA GUINÉ- BISSAU:
Uma tradução cultural de contos da tradição oral guineense

Ao(s) 30 dia(s) do mês de novembro do ano de 2023 reuniu-se a Comissão Julgadora do trabalho acima referido, assim constituída:

Prof./a Orientador/a: Dr. Luiz Fernando Gomes

1º Prof./a Examin./a: Profa. Dra. Cátia Pitombeira- Universidade Federal de Alagoas

2º Prof./a Examin./a: Profa. Dra. Andréa da Silva Pereira- Universidade de Alagoas)

que julgou o trabalho (x) APROVADO ( ) REPROVADO, atribuindo-lhe as respectivas notas:

Prof./a Orientador/a: 10,0 (dez inteiros)

1º Prof./a Examin./a: 9,0 (nove inteiros)

2º Prof./a Examin./a: 9,5 (nove inteiros e meio)

totalizando, assim a média 9,5 (nove inteiros e meio), e autorizando os trâmites legais. Estando todos/as de acordo, lavra-se a presente ata que será assinada pela Comissão.

Maceió, 30 de novembro de 2023.

Prof./a Orientador/a:

Documento assinado digitalmente
gov.br LUIZ FERNANDO GOMES
Data: 04/12/2023 09:43:39-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

1º Prof./a Examin./a:

Documento assinado digitalmente
gov.br CATIA VENEZIANO PITOMBEIRA
Data: 30/11/2023 09:08:43-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

2º Prof./a Examin./a:

Documento assinado digitalmente
gov.br ANDREA DA SILVA PEREIRA
Data: 04/12/2023 09:59:18-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

VISTO DA COORDENAÇÃO

Dedico este trabalho aos meus pais, às minhas filhas (Silvina e Maria), minha namorada Genilza Sousa, ao meu orientador Prof. Dr. Luiz Fernando Gomes meu suporte nessa jornada.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus Pai todo Poderoso pela saúde, aos meus pais pela educação, amor e incentivo, a minha namorada Genilza Barros Sousa que esteve ao meu lado durante esse percurso estudantil, dando o seu apoio moral e financeiro. A Empresária dona Filomena, representante da empresa Fagoral na Guiné- Bissau, ao empresário Gomes Sanó, pessoas que transformaram o meu sonho numa realidade através da compra de passagem aérea para o Brasil. Aos meus primos, Valdir Gomes e Bibiano Albino Da Costa, Amido Baldé e a todos os meus amigos, colegas que se prontificaram a ajudar sempre que precisar. Aos governos: brasileiro e guineense pela oportunidade que me concederam.

À Universidade Federal de Alagoas, todos os seus funcionários e ao povo maceioense pelo acolhimento recebido. E por último, ao meu querido orientador Prof. Dr. Luiz Fernando Gomes, que me abraçou nas primeiras horas, orientando meus passos de forma a ultrapassar todas as barreiras que sempre estiveram pela frente.

“Tudo o que vemos ou
parecemos.
Não passa de um sonho,
dentro de um sonho”.

Edgar Allan Poe

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso apresenta uma coletânea de 25 contos tradicionais da Guiné-Bissau, a maioria deles oriundos da cultura oral do meu país, contados e recontados em reuniões de família, de amigos e nas escolas. Algumas delas eu conheci nos meus primeiros anos de estudo. Minha motivação pessoal para fazer esse trabalho foi justamente o desejo de reunir e eternizar na língua escrita uma literatura de forte tradição oral no meu país, mas com poucos registros escritos quer em livros ou na internet. Academicamente, também foi importante fazer a tradução de contos de línguas irmãs, cuja proximidade é mais aparente do que verdadeira quando consideramos as palavras, expressões e os usos sintáticos e semânticos. A tradução cultural também foi um grande desafio e uma motivação e, por isso motivo, ao final de cada história, apresento um glossário com os termos e expressões guineenses e de difícil inferência pelo contexto. A coleta dos contos foi iniciada em outubro de 2022 e concluída em novembro de 2023. As traduções foram feitas à medida que os contos eram obtidos. A maioria das fontes é de trabalhos feitos no Instituto de Humanidades e Letras do Malês, Universidade da Integração da lusofonia Afro- brasileira. São Francisco do Conde, na Bahia. Aliás, malês (do Yorubá, imalê), é pertinente explicar, era o nome com que os escravos muçulmanos eram chamados no século XIX. Utilizei, entre outros, a monografia de Aramatu Injai (2019) e de Nembali Mané (2021). O resultado da pesquisa é agora apresentado em língua portuguesa e abre várias perspectivas, uma delas, é de que seja usado em aulas de história e cultura afro-brasileira, como preconiza a BNCC.

Palavras-chave: Literatura guineense. Oralidade na Literatura. Folclore- Guiné- Bissau. Tradição.

ABSTRACT

This undergraduate thesis presents a collection of 25 traditional tales from Guinea-Bissau, most of them coming from the oral culture of my country, told and retold at family gatherings, friends and schools. Some of them I met in my first years of study. My personal motivation for doing this work was precisely the desire to gather and immortalize in written language a literature with a strong oral tradition in my country, but with few written records either in books or on the internet. Academically, it was also important to translate stories from sister languages, whose proximity is more apparent than true when we consider words, expressions and syntactic and semantic uses. Cultural translation was also a great challenge and motivation and, for this reason, at the end of each story, I present a glossary with Guinean terms and expressions that are difficult to infer from the context. The collection of short stories began in October 2022 and concluded in November 2023. Translations were made as the short stories were obtained. Most of the sources are from works carried out at the Institute of Humanities and Letters of Malês, University of Integration of Afro-Brazilian Lusophony. São Francisco do Conde, in Bahia. In fact, Malês (from Yoruba, imalê), it is pertinent to explain, was the name with which Muslim slaves were called in the 19th century. I used, among others, the monograph by Aramatu Injai (2019) and Nembali Mané (2021). The result of the research is now presented in Portuguese and opens up several perspectives, one of which is that it be used in Afro-Brazilian history and culture classes, as recommended by the BNCC.

Keywords: Guinean literature. Oral Literature. Folklore. Guinea-Bissau, Translation.

Sumário

1 INTRODUÇÃO 10
2 UM POUCO SOBRE A GUINÉ-BISSAU 12
3 A LITERATURA GUINEENSE 12
4 AS ORIGENS DA LITERATURA AFRICANA 14
4.1 Características da literatura africana no período da colonização 16
4.2 Características da literatura africana no período pré-independência 16
realismo social; 16
4.3 Características da literatura africana no período pós-independência 16
4.4 Principais autores da literatura africana 17
5 JUSTIFICATIVA 20
6 OBJETIVOS DESTE TRABALHO 22
6.1 VENHA CONHECER UM POUCO DA HISTÓRIA DE SILVINO PEREIRA 22
7 CONTOS TRADUZIDOS E RECONTADOS 25
Alma dos Mortos 25
Dinka, o Terrível 32
O Filtro de Amor 34
Nem tudo o que brilha é Ouro 39
O Hipopótamo dá carona ao Lobo 41

O casamento do lebrão 42
A Lebre e o Lobo no tempo de fome..... 44
A Hiena, a Lebre e o Visco..... 45
É no fogo que eu nasci..... 47
Tatá e Morró 49
Ema vem todos os anos 55
O Jagudi e o Falcão 59
O Menino mentiroso..... 62
A lebre e a Tartaruga 62
O Prémio da Esperteza 63
Como se salvou o cabrito 64
O Joaquim-Doido 65
O Cão e o Lobo..... 66
O Cão e o Gato 67
O velho Sepu 67
Sirá e Nima 69
Lobo e Lebre..... 71
O Menino Sene 72
Mulher e uma Coxa de Boi..... 74
N'bangasadi & Djamondi..... 76
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS 78
9 REFERÊNCIAS 79

1 **INTRODUÇÃO**

A Literatura africana é um campo diversificado e vasto, composto por uma variedade de vozes, estilos e temas. Abrange uma gama de países e culturas, refletindo a rica história e experiências do continente africano. A literatura africana engloba desde narrativas orais tradicionais até obras contemporâneas escritas em diferentes idiomas.

Ela aborda questões como identidade, colonialismo, independência, desigualdade social, individualismo, tradições culturais, diáspora africana e muito mais. Autores como Mia Couto, Abdulai Silá, Odete Costa Semedo, Chinua Achebe, Chimamanda Ngozi Adichie, Ngugi Wa Thiong'o e Mariama Bâ, contribuíram significativamente para a literatura africana ganhar reconhecimento internacional. A literatura africana desafia

estereótipos e oferece perspectivas únicas sobre a vida no continente, enriquecendo o panorama literário mundial.

Nesse sentido, Clauber Cruz Ribeiro (2018, p. 1), afirma que: No seu tese doutorado com o tema "A Coleção de Autores Africanos da Editora Ática: as literaturas africanas no Brasil", publicado pela editora Assis em 2018. Analisou a formação, o desenvolvimento e a recepção de autores africanos entre (1979- 1991) no Brasil. O que foi o primeiro Projeto orgânico acerca das literaturas africanas publicado no Brasil.

De acordo com Cruz (2018), essa série literária foi produzida pela Ática, sob gestão de Anderson Fernandes Dias e na Coordenação do Professor Dr. Fernando Augusto Albuquerque Mourão. Clauber Ribeiro Cruz disse ainda que por meio do acervo pessoal do Professor Dr. Fernando A. A. Mourão, foram descobertos alguns registros acerca das recém-chegadas literaturas africanas no Brasil através de análise documental por parte de alguns periódicos selecionados por Mourão. Dito isso, Cruz (2018, P. 6) reafirmou que no seu trabalho realizou entrevistas, colheu depoimentos com especialistas e ex-membros do grupo Ática, como o próprio Mourão. Ele analisou diversos periódicos, entre eles o Jornal do Brasil e o Jornal de Angola, estudou 27 obras da antologia, acessou o acervo do Mourão, materiais que pertenciam à coletânea tais como: cartazes e outros documentos.

Sente-se a ausência de obras de dois países que produziam literatura em língua portuguesa: São Tomé e Príncipe e Guiné-Bissau. Ao questionarmos Mourão sobre esse assunto, ele nos disse que na época, por conta das relações comerciais com a editora, foi decidido que os autores desses países não poderiam ser publicados, pois as vendas seriam baixas, já que as produções eram majoritariamente poemas, os quais tiveram pouco espaço na antologia em virtude de questões comerciais, Cruz (2018, P. 7- 8).

A seguir citamos as obras e nomes dos respectivos autores africanos, que se destacaram no Brasil entre 1979- 1991, conforme citado por Clauber Ribeiro Cruz no seu trabalho já citado em cima:

A Vida verdadeira de Domingos Xavier (1979) - Luandino Vieira, Os flagelados do vento Leste (1979) - Manuel Lopes, As aventuras de Ngunga (1980) - Pepetela, Nós matamos o Cão- Tinhoso (1980) - Jofre Rocha, Hora de bai (1980) - Manuel Ferreira, O belo imundo (1981) - Valentim Y. Mudimbe, Kinaxixe e outras Prosas (1981) - Arnaldo Santos, Portagem (1981) - Orlando Mendes, Luuanda (1982) - Luandino Vieira, De uma costela torta (1982) - Nuruddin Farah, Climbiê (1982) - Bernard B. Dadié, Aventura ambígua (1982) - Pepetela, Sundjata ou a epopeia Mandinga (1982) - Djibril T. Niane,

Dizanga dia muenhu (1982) - Boaventura Cardoso, O mundo se despedaça (1983) - Chinua Achebe, O astrolábio do mar (1983) - Chems Nadir, Gente da Cidade (1983) - Cyprian Ekwensi, A ordem de pagamento e Branca gênese (1984) - Sembène Ousmane, Ilhéu de Contenda (1984) - Teixeira de Sousa, "Mestre" Tamoda e Kahitu (1984) - Uanhenga Xitu, Yaka (1984) - Pepetela, Sagrada esperança (1985) - Agostinho Neto, Chiquinho (1986) - Baltazar Lopes, Dumba nengue: histórias trágicas de banditismo (1990) - Lina Magaia, Nós, os do Makulusu (1991) - Luandino Vieira.

2 UM POUCO SOBRE A GUINÉ-BISSAU

A República da Guiné- Bissau é um país situado na costa ocidental da África, faz fronteira ao Leste e Sul com a Guiné- Conacri, ao Norte com o Senegal, a Oeste banhada pelo Oceano Atlântico. Com uma superfície de 36. 125 Km² de área, a parte habitada é apenas 24.800 Km², por causa de inundações, marés fluviais e pelo alagamento causado pelas chuvas regulares e periódicas. A população atual da Guiné- Bissau é estimada em cerca de um milhão e quinhentos mil habitantes.

Além do território continental, o país possui ainda o arquipélago dos Bijagós que tem mais de 80 ilhas, muitas delas desabitadas, de vegetação tropical densa, separado do continente através de vários canais.

A Guiné- Bissau é um país plano, o clima é tropical, embora marítimo, nas regiões Leste, no interior, apresenta- se com extensas planícies áridas, enquanto selvas e florestas ocupam a parte ocidental. O território continental é cortado por rios caudalosos como Geba, o Cacheu, o Corubal, o Mansoa, o rio Grande de Buba e o rio Cacine, todos com inúmeros braços. A produção agrícola mais representativa, constituindo a maior percentagem das exportações, é o Caju cultivado, por causa da castanha, exportada, sem processamento, em grandes quantidades. A produção de arroz é básica para a alimentação da população.

Bissau é a capital e de longe a cidade mais importante, com cerca de 300 mil habitantes e onde concentra toda a economia agrícola do país. (Augel, 2007, P. 49- 50). Mas, não é isso que nos importa hoje, vamos falar sobre a literatura guineense.

3 A LITERATURA GUINEENSE

A literatura na Guiné-Bissau é um reflexo da rica diversidade cultural e histórica do país.

Ao longo dos anos, autores guineenses têm utilizado a escrita como uma forma de expressão e resistência, abordando temas como a luta, identidade cultural e questões sociais.

[...] "O propósito da invasão do Brasil foi a exploração de matérias primas, e foi essa mesma intenção que levou os portugueses a África, onde se situa o território hoje chamado de Guiné- Bissau. Em todo o território africano ocupado pelo regime português houve a obrigação ou imposição do idioma lusitano às custas da destruição e marginalização das línguas locais. No entanto, nesses países que posteriormente foram chamados de lusófonos (incluindo Portugal), apareceu uma Literatura de cariz colonial que se materializa na base da ideologia do colonizador.

> Na Guiné- Bissau registaram- se, nesse período, algumas manifestações literárias de autores essencialmente portugueses e cabo-verdianos que, de alguma forma, tinham ligações com o país. Porém, o povo guineense, conhecido como aquele que resiste, apesar da adversidade imposta pela colonização, soube preservar a sua cultura e usá-la como arma contra a invasão portuguesa. Esse fato proporcionou que a Literatura nascesse do ramo cultural próprio. Fala- se assim, da tradição oral ou da oralidade, sem, no entanto, cair na falácia de pensar que a oralidade é fenômeno restritamente africano, porém reportar que a Literatura da Guiné- Bissau emergiu dessa tradição da qual os *djidius* são testemunhas". (Correia, 2023, P. 3- 4).

[...] Tavares (2019), no seu artigo "A Literatura da Guiné- Bissau", disse que em razão de vários fatores históricos, culturais e sociais, as letras guineenses apresentaram um desenvolvimento tardio. Para ter ideia, as campanhas de alfabetização da população começaram apenas por volta de 1948.

A Literatura, até aí, existia numa de suas expressões mais ricas, a tradição oral, no caso da Guiné- Bissau, integrada por lendas, adivinhas, provérbios e histórias passados de geração em geração, dos mais velhos para os mais novos.

O que foi confirmada por Moema Parente Augel no seu livro "Desafio de Escombro, Nação Identidade e Pós- Colonialismo na literatura da Guiné- Bissau" através de um trecho de Coutinho:

> Assim como a produção literária de um povo já tem sido vista, há algum tempo, por uma perspectiva histórica que leva em conta suas diferenças culturais, bem como fatores específicos que a cercam, os discursos que sobre ela se constroem não

> podem tampouco ser encarados de maneira desenraizada, por uma dimensão atemporal e especial Coutinho (Apud Augel, 2007, P. 100).

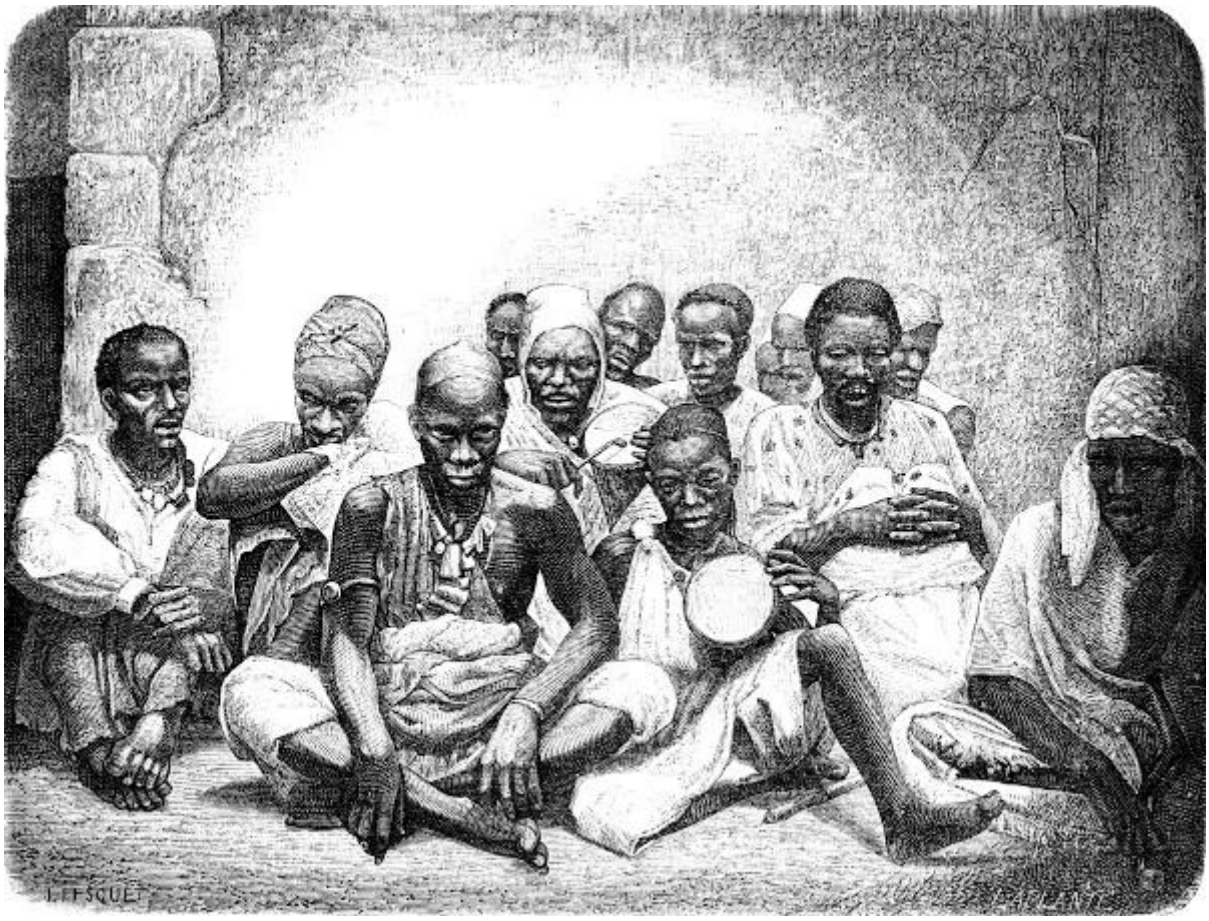
Augel (2007), informa que Manuel Ferreira no primeiro volume da trilogia “No reino de Caliban”, manifestou a sua indignação em relação que, as fontes para a Literatura africana de expressão portuguesa fossem “precárias, tristemente precárias, e a responsabilidade é toda nossa”. As bibliografias portuguesas até então publicadas eram “quase sempre parciais. E isso, para não falarmos das estrangeiras, em que as lacunas são imensas também FERREIRA (Apud AUGEL, 2007, p. 100).

Augel, conta ainda que Laura Padilha também registrou que, a partir dos anos 60 começaram a surgir ensaios históricos sobre as literaturas africanas de Língua portuguesa, “tirando-as do limbo cultural onde se encontravam”. As antologias, por exemplo, tiveram um papel decisivo nesse processo [...] Padilha (Apud Augel, 2007, P.100).

4 AS ORIGENS DA LITERATURA AFRICANA

O conteúdo a seguir foi extraído literalmente do artigo de: SOUZA, Warley. "Literatura africana"; *Brasil Escola*. Disponível em: https://brasilescola.uol.com.br/literatura/literatura-africana.htm. Acesso em 23 de outubro de 2023.

A literatura africana possui longa tradição oral, portanto, em seus primórdios, era apenas assim que as histórias eram contadas, sem um registro escrito. Foi por volta do século XVIII que os colonizadores portugueses começaram a pensar em um sistema educacional nas colônias africanas, o que se consolidou a partir no século XIX.



"Contadores de história", da ilha de Gorée, no Senegal, em 1872. Disponível em: https://brasilescola.uol.com.br/literatura/literatura-africana.htm. Acesso em 23 de outubro de 2023.

Literatura africana é aquela composta por obras produzidas em países do continente africano, mas a literatura africana em língua portuguesa possui características específicas de acordo com seu período de produção".

Assim, a primeira obra africana em língua portuguesa a ser impressa, em 1849, foi "Espontaneidades da minha alma", de José da Silva Maia Ferreira, autor angolano; porém a narrativa manuscrita Tratado breve dos reinos (ou rios) da Guiné, do cabo-verdiano André Álvares de Almada, data de 1594.

A literatura africana é ampla, pois diz respeito aos vários países da África. O mais adequado, portanto, seria dizer "literaturas africanas". Assim, colocaremos aqui características compartilhadas pelos países africanos de língua portuguesa, que tiveram uma história muito semelhante de colonização e luta pela independência. No entanto, devemos lembrar que a literatura de cada um desses países possui também as suas peculiaridades.

As obras da literatura africana em língua portuguesa estão inseridas em três períodos distintos: colonização, pré-independência e pós-independência. E seus autores mais conhecidos são: José Craveirinha (Moçambique), Noémia de Sousa (Moçambique), Pepetela (Angola), Mia Couto (Moçambique) e Paulina Chiziane (Moçambique).
O período da colonização é marcado pela alienação cultural;
O período pré-independência possui obras com discurso anticolonialista;
O período pós-independência é caracterizado pela valorização da cultura africana.

4.1 Características da literatura africana no período da colonização

Com influências da literatura europeia. Ainda com base no trabalho de Warley, cito literalmente:

Reprodução da cultura clássica;

Costumes tradicionais da África;

Tensão entre a cultura colonial e a africana;

Alienação cultural;

Rigor formal na poesia.

4.2 Características da literatura africana no período pré-independência realismo social;

Nacionalismo;

Identidade negra;

Folclorismo;

Discurso anticolonialista;

Elementos modernistas;

Valorização da cultura popular.

4.3 Características da literatura africana no período pós-independência

Valorização da cultura africana; ainda com base no trabalho de Warley:

Resgate da ancestralidade;

Presença de idiomas nativos;

Valorização da oralidade;

Questões raciais;

Elementos feministas;

Nacionalismo;

Temática da diáspora;

Experimentalismo;

Universalismo.

4.4 Principais autores da literatura africana

José da Silva Maia Ferreira (1827-1881) — Angola

Caetano da Costa Alegre (1864-1890) — São Tomé e Príncipe

Antônio de Assis Júnior (1887-1960) — Angola

Jorge Barbosa (1902-1971) — Cabo Verde

Baltasar Lopes (1907-1989) — Cabo Verde

Manuel Lopes (1907-2005) — Cabo Verde

Rui de Noronha (1909-1943) — Moçambique

Oscar Ribas (1909-2004) — Angola

Orlando Mendes (1916-1990) — Moçambique

Castro Soromenho (1919-1968) — Angola

Francisco José Tenreiro (1921-1963) — São Tomé e Príncipe

Agostinho Neto (1922-1979) — Angola

José Craveirinha (1922-2003) — Moçambique

António Jacinto (1924-1991) — Angola

Orlanda Amarílis (1924-2014) — Cabo Verde

Noémia de Sousa (1926-2002) — Moçambique

Alda do Espírito Santo (1926-2010) — São Tomé e Príncipe

Viriato da Cruz (1928-1973) — Angola

Marcelino dos Santos (1929-2020) — Moçambique

Alda Lara (1930-1962) — Angola

Rui Knopfli (1932-1997) — Moçambique

Corsino Fortes (1933-2015) — Cabo Verde

Mário António (1934-1989) — Angola

Onésimo Silveira (1935-2021) — Cabo Verde

Lília Momplé (1935-) — Moçambique

Arlindo Barbeitos (1940-2021) — Angola

Ruy Duarte de Carvalho (1941-2010) — Angola

Pepetela (1941-) — Angola

Manuel Rui (1941-) — Angola

Luís Bernardo Honwana (1942-) — Moçambique

Filinto de Barros (1942-) — Guiné-Bissau

Boaventura Cardoso (1944-) — Angola

Jorge Viegas (1947-) — Moçambique

David Mestre (1948-1998) — Angola

Ana Paula Tavares (1952-) — Angola

Luís Carlos Patraquim (1953-) — Moçambique

Mia Couto (1955-) — Moçambique

Paulina Chiziane (1955-) — Moçambique

Ungulani Ba Ka Khosa (1957-) — Moçambique

Abdulai Sila (1958-) — Guiné-Bissau

Conceição Lima (1961-) — São Tomé e Príncipe

Suleiman Cassamo (1962-) — Moçambique

Eduardo White (1963-2014) — Moçambique".

1.8 Principais obras da literatura africana

Espontaneidades da minha alma (1849), de José da Silva Maia Ferreira

Versos (1916), de Caetano da Costa Alegre

Arquipélago (1935), de Jorge Barbosa

O segredo da morta (1935), de Antônio de Assis Júnior

Ilha de nome santo (1942), de Francisco José Tenreiro

Sonetos (1946), de Rui de Noronha

Chiquinho (1947), de Baltasar Lopes

Terra morta (1949), de Castro Soromenho

Uanga (1951), de Oscar Ribas

O país dos outros (1959), de Rui Knopfli

Os flagelados do vento leste (1960), de Manuel Lopes

Chingufo (1961), de Mário António

Poemas (1961), de Agostinho Neto

Poemas (1961), de António Jacinto

Hora grande (1962), de Onésimo Silveira

Nós matamos o cão-tinhoso (1964), de Luís Bernardo Honwana

Portagem (1966), de Orlando Mendes

A onda (1973), de Manuel Rui

Poemas (1974), de Viriato da Cruz

Karingana ua karingana (1974), de José Craveirinha

Pão & fonema (1975), de Corsino Fortes

Do canto à idade (1977), de David Mestre

Dizanga Dia Muenhu (1977), de Boaventura Cardoso

É nosso o solo sagrado da terra (1978), de Alda do Espírito Santo

Poesia (1979), de Alda Lara

Nzoji (1979), de Arlindo Barbeitos

Mayombe (1979), de Pepetela

Ilhéu dos pássaros (1983), de Orlanda Amarílis

Canto do amor natural (1987), de Marcelino dos Santos

Novelo de chamas (1989), de Jorge Viegas

O regresso do morto (1989), de Suleiman Cassamo

País de mim (1990), de Eduardo White

Memória de tanta guerra (1992), de Ruy Duarte de Carvalho

Terra sonâmbula (1992), de Mia Couto

A última tragédia (1995), de Abdulai Sila

Os olhos da cobra verde (1997), de Lília Momplé

Kikia matcho (1997), de Filinto de Barros

Dizes-me coisas amargas como os frutos (2001), de Ana Paula Tavares

Sangue negro (2001), de Noémia de Sousa

Niketche: uma história de poligamia (2002), de Paulina Chiziane

Os sobreviventes da noite (2007), de Ungulani Ba Ka Khosa

Pneuma (2009), de Luís Carlos Patraquim"

5 JUSTIFICATIVA

Creio que agora é interessante que eu explique um pouco sobre os motivos que levaram a escolher traduzir contos folclóricos da Guiné-Bissau.

O meu interesse em pesquisar os contos folclóricos tradicionais da Guiné - Bissau, deve- se ao fato de eu ser guineense. Quando eu era criança, os adultos, meus avós e pais costumavam contar muitos dos contos que aqui apresento traduzidos.

Agora, me baseio em alguns autores para definir alguns conceitos importantes nesse trabalho. Segundo Fernandes (2015), o conto é um texto curto em que um narrador conta uma história desenvolvida em torno de um enredo - uma situação que dá origem aos acontecimentos de uma narrativa.[1]

De acordo com Souza (2014), "Literatura oral é uma expressão para designar um conjunto de textos em Prosa e versos transmitidos oralmente (contos, lendas, mitos, adivinhas, provérbios, parlendas, cantigas) e que se apresentam de modo diferente do falar cotidiano. Esse termo foi empregado pela primeira vez no século XIX, pelo francês Paul Sébillot, no livro "Littérature de la Haute- Bretagne", publicado em 1981".

Antigamente, com a pouca evolução da escrita essas histórias eram narradas apenas verbalmente "de boca a boca" em torno das fogueiras nas rodas de conversas que aconteciam nas varandas durante as noites de luar.

De acordo com Maria Elisa de Araújo Grossi, a contação de histórias é uma arte que pode ser desenvolvida por qualquer pessoa que aprecia narrativas, que queira se envolver com elas e que tenha voz e memória. Faz parte da tradição de vários povos desde os mais antigos tempos – narrativas orais são passadas de geração a geração desde o início da humanidade, num movimento incessante de recriação. O contador de histórias cria

[1] A fonte das informações desta seção é o site: Disponível em; https://educacao.uol.com.br/disciplinas/portugues/literatura-oral-historias-atravessam-milenios.htm. Acesso em: 25 de outubro de 2023.

imagens que ajudam a despertar as sensações e a ativar no ouvinte os sentidos: paladar, audição, tato, visão e olfato. Assim, suas narrativas são carregadas de emoção e repletas de elementos significativos, como gestos, ritmo, entonação, expressão facial, silêncios... Esses elementos proporcionam uma interação direta com o público e implicam improvisação e interpretação.

A educação está e sempre esteve presente em todas as sociedades humanas, independente da raça, cultura, religião e da localidade. Cada povo cria, recria, inventa e reinventa o modelo da educação de acordo com a sua realidade e com vista a atender as expectativas de um padrão comportamental de convivência de sua sociedade (Mané, 2021, P.12).

A literatura oralizada é o que mais assenta em África principalmente na Guiné-Bissau, mas com o desenvolvimento das novas tecnologias estas histórias tradicionais estão sofrendo um apagamento, porque os jovens atualmente não estão se investindo nessa área.

Ao longo do tempo esses contos ficam sofrendo modificações, por causa de serem narradas em versões diferentes, cada um tentando acrescentar novas informações.

Por isso é que se fala na Guiné- Bissau "de que, cada velho ou ancião que morre é uma Biblioteca perdida", porque a pessoa leva consigo todos os conhecimentos adquiridos, histórias folclóricas, provérbios, toda aquela riqueza se perde.

Carla Caruso, fala que, os textos de tradição oral são histórias contadas em voz alta por um narrador a um grupo de ouvintes. Essa é uma tradição que data da Pré-História. Até hoje, nas tribos primitivas da África, da Austrália ou mesmo do Brasil, escutar um narrador contando histórias ainda é um costume comum.

[...] O adjetivo "popular" significa, segundo o dicionário Houaiss, "relativo ou pertencente ao povo, especialmente à gente comum ". O conto popular, portanto, é uma narrativa de tradição oral que não possui um autor específico, é anônimo, criado em local e época ignorados, e passado através de gerações.

Por ser constantemente recontado, sofre modificações ao longo do tempo. É comum nessas narrativas a criação de personagens típicos da região na qual a história se originou. É um dos mais antigos gêneros da tradição oral, uma manifestação cultural que surge de modo espontâneo e não tem um compromisso com a cultura formal.

Para concluir essa parte, cito Nembali Mané (2021, p. 12), que afirma: "em África ter acesso à educação também significa adquirir os valores culturais de cada um dos grupos étnicos por meio da oralidade, a qual constitui- se como um elemento fundamental

para a transmissão dos valores aos mais novos. Os ensinamentos são transmitidos pela oralidade através dos provérbios, dos contos, e das cerimônias de iniciações.

A partir desse panorama, os mais jovens podem identificar como fazer bem é socialmente recomendado e como fazer o que se julga mal será punido. Nesse sentido, trata- se ensinamentos dotados de valores pedagógicos, pois a aprendizagem, a partir dessa perspectiva, estimula as crianças a procurarem conhecimentos junto dos mais velhos. Por exemplo, os contos na varanda em noites de luar estimulam as crianças a vontade de participar e prestar atenção para poder colocar os ensinamentos ali contados na prática.

Portanto, ela permanece atenta sem a necessidade de ser chamada a sua atenção e consegue reportar as histórias contadas com facilidade, sem nenhum problema diferente da educação escolar, que por vezes exige algum esforço dos pais e educadores para chamar- lhe atenção".

6 OBJETIVOS DESTE TRABALHO

Como não existem muitos livros de coletânea de contos tradicionais da Guiné- Bissau, o objetivo deste trabalho é pesquisar, recolher, revisar, traduzir para o Português brasileiro, o maior número possível de contos folclóricos (lendas e mitos) tradicionais da Guiné- Bissau e organizá-los em forma de um volume a ser publicado em formato digital. Esse praticamente ineditismo da coletânea é a justificativa acadêmica que adoto e que, como benefício imediato, procura preservar a literatura oral do meu país.

6.1 VENHA CONHECER UM POUCO DA HISTÓRIA DE SILVINO PEREIRA

Eu Silvino Pereira, graduando em Letras- Português, 8° período pela Faculdade de Letras da Universidade Federal de Alagoas. Vindo da Guiné- Bissau Costa Ocidental da África, no quadro do Programa de Estudantes Convênio de Graduação em 23/05/2019 com o propósito de estudar no Brasil.

Filho de Segunda Lourenço Pereira, uma doméstica e de José da Costa, Professor de Língua Portuguesa em Bissau já aposentado. Nascido em Cabuchanque, uma das aldeias no sul da Guiné- Bissau, concretamente na região de Tombali. Aos 31/12/1988, numa tabanca que não tinha nem água potável, ou seja, água da torneira que fará energia eléctrica.

Sou poeta e cantor guineense de nova geração, decidi “abandonar o meu conforto” e parti em busca de um sonho: ter uma formação acadêmica.

Lá vivi a minha infância como o pai era Professor daquela Tabanca. Com seis anos, José da Costa foi transferido para a capital “Bissau” com o objetivo de continuar a exercer o magistério. Então, mudei junto com a família, os quais me ensinaram a ler e fazer as contas depois em casa.

Antes de entrar na escola, eu já sabia escrever o meu nome completo, lia também as letras do abecedário Português e um livro didático antigo que tinha as lições com os seguintes títulos: “o Pato Nada”, “o Dauda joga Vilas e o Fulé come fole”. No mesmo ano que mudamos para a cidade (1994), iniciei o meu percurso acadêmico e em cada escola que passava sempre figurava entre os melhores alunos do meu nível (Escola de Mbana, Escola Atlântico de Cuntum, Escola são José de Cuntum), até o meu pai José da Costa conseguir uma bolsa e viajou para os estudos em Portugal.

Fiquei em Bissau com a minha mãe e os meus irmãos, na quinta série numa escola privada: “São José de Cuntum” fui considerado vencedor do concurso “responde bem e depressa” na disciplina de Matemática e posteriormente no ano seguinte em Ciências Sociais. Nas atividades que se realizavam para comemoração do aniversário da fundação daquele estabelecimento escolar.

Estudei até a sétima classe correspondente ao primeiro ano do ensino médio no Brasil nas escolas privadas. Mas, na oitava classe transferiram-me para um dos cincos liceus públicos mais famosos da cidade, “Liceu Samora Moisés Machel”, no qual lecionava uma Professora Portuguesa de nome Fátima Queirós, ela foi dar aulas em Bissau no quadro do programa de apoio ao sector de ensino na Guiné- Bissau (PASEG), gerenciada pela Cooperação portuguesa.

No ano 2004 iniciei a escrever poemas no “Liceu Samora Moisés Machel”, em 2005 no mesmo estabelecimento de Ensino venci o concurso de poesia feito entre os estudantes dos cinco melhores liceus da Guiné-Bissau, concurso realizado pela cooperação portuguesa sob o lema “A minha oficina em Língua portuguesa” em comemoração ao dia das oficinas em Língua portuguesa. No “Liceu Samora Moisés” fiquei também em terceiro lugar no concurso de música e depois vencedor por duas vezes dos concursos de música realizados para comemorar o aniversário daquela unidade escolar.

Pela iniciativa da Professora Fátima Queirós foi criada uma banda denominada “O Canto da Samora”, através do qual interpretamos canções de Vários artistas da

lusofonia e no final do semestre costumávamos realizar um concerto de encerramento das atividades no Centro Cultural Português, tudo coordenado pelos Professores/as da cooperação portuguesa que se encontravam na Guiné- Bissau naquela época.

No ano 2006 concluiu a décima primeira classe que é igual ao terceiro ano do ensino médio no Brasil. No ano letivo de 2007/2008 ingressei na Universidade Amílcar Cabral cursando assim o ano preparatório no curso de Ciências Médicas (Medicina). Como o meu desejo era de ser Médico desde criança, porque eu tinha um dos meus tios que era médico e me apoiava financeiramente em relação às questões acadêmicas.

Fiz o ano zero na Universidade Amílcar Cabral, mas infelizmente, não consegui entrar na Faculdade de Medicina por causa da reprovação em Química. Que era uma das disciplinas obrigatórias do curso, eu tinha notas suficientes para fazer Enfermagem Superior, infelizmente por falta de meios financeiros esse sonho também não se concretizou.

No ano seguinte o Governo privatizou a instituição que passou a pertencer à Universidade Lusófona da Guiné. Os alunos que não tinham conseguido as notas suficientes para cursar Medicina foram transferidos para a Universidade lusófona da Guiné e inseridos em Enfermagem para o qual suas notas eram compatíveis, eu tinha a média o suficiente para ir fazer Enfermagem Superior, só que não tinha mais condições de eu ir estudar numa instituição privada, porque a mensalidade já tinha sido aumentada de 15.000 francos para 30.000 francos cfas.

Tive que dar uma pausa na carreira estudantil, fiquei parado durante três anos, sem estudar, o meu pai já tinha voltado de Portugal e não trabalhava como servidor público naquela época, o meu tio Estevão da Costa que era médico tinha falecido. Porém, eu não tinha ninguém na família que pudesse pagar a formação para mim, nas Escolas do Ensino Superior. Eu fui trabalhar durante um ano nas matas da zona norte da Guiné-Bissau, na queima de carvão, onde se chover as nossas roupas molhavam todas, as barracas não tinham proteção nenhuma, a pessoa era obrigado ficar com a roupa molhada que tinha vestido até secar no seu corpo, porque não tinha outra roupa seca.

No letivo 2011/2012, segundo ano depois da implementação do 12° ano na Guiné- Bissau, vendi os sacos de carvão que tinha conseguido naquele trabalho e paguei os meus estudos durante um ano no Liceu Samora Moisés Machel. No mesmo ano fiz o teste à nível fui aprovado, logo comecei as aulas do curso básico de Língua portuguesa, no Centro Cultural Brasil- Guiné- Bissau (centro cultural brasileiro)..

Em 2018, eu consegui o Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa (CELPE- BRAS), que me dava o direito de me candidatar para a Bolsa do Programa de

Estudantes Convênio de Graduação (PEC- G). Não me candidatei naquele ano, porque não tinha alguém da família que assumiria o termo de responsabilidade e custearia a minha permanência no Brasil.

Em 2019, o meu tio Augusto Gomes decidiu aceitar essa responsabilidade, contando com o apoio dos meus pais. Juntei um pouco de dinheiro que eu tinha na poupança, fruto do comércio e de alguns concertos musicais que fazia em todo o território nacional. Decidi investir todo o meu capital financeiro e da minha família para essa aventura, com intuito de realizar um dos meus maiores sonhos, que é de: Concluir uma Licenciatura numa Universidade pública.

Ao longo do processo de viagem para o Brasil, passei por várias dificuldades, houve um momento em que o meu dinheiro acabou, no meio do processo. Entreguei várias cartas de pedido de patrocínio para a minha viagem para altos dirigentes do Estado guineense: Ministros, deputados e comerciantes. Graças a Deus todo poderoso consegui viajar para o Brasil por causa de duas pessoas, que foram uma benção de Deus. A representante da Empresa Fagoral na Guiné- Bissau: Dona Filomena que me ofereceu um valor muito significante em dinheiro, o grande empresário guineense de nome: Gomes Sanó, quem me adquiriu o bilhete de passagem Para o Brasil.

Depois da retenção do meu passaporte na embaixada do Brasil em Guiné- Bissau, durante um mês devido ao atraso no pagamento do visto. No dia 23 de maio de 2019, cheguei ao Brasil, para cursar Letras-Português na Faculdade de Letras (FALE) com duas semanas de atraso em relação ao início do semestre de 2019.1. E Aqui está eu.

Vamos, agora, aos contos da Guiné- Bissau escritos por diferentes autores traduzidos e recontados por mim para esse Trabalho de Conclusão de Curso.

7 CONTOS TRADUZIDOS E RECONTADOS

Antes de cada conto eu procurei fazer uma apresentação sucinta para contextualizar o leitor brasileiro e, ao final, coloquei um pequeno glossário dos termos mais específicos da cultura da Guiné- Bissau.

Alma dos Mortos

Esse conto pertence ao livro digital "Histórias da tabanca de Urok" publicado pela Cooperação portuguesa. Ele pertence à etnia Bijagó na Guiné- Bissau, que tem

como a história única para os Bijagós, o fanado que é um ritual tradicional para que um homem seja considerado Bijagó de raiz e passar a frequentar os mesmos lugares com os seus colegas de infância, ele terá que ir ao fanado.

Uramia e Pana eram dois amigos que viviam em Formosa. Durante os anos em que lá viveram tiveram sempre bons laços de amizade, o que toda a gente admirava.
Enquanto cresciam em Formosa, cada um aprendia os trabalhos que os pais faziam. Naquela época, nenhum pai gostava de colocar o seu filho na escola porque ao saberem escrever e ler, já não queriam ficar nas tabancas e todos se deslocavam para Bissau para outras vidas.

Conforme o tempo ia passando, Uremia e Pana nunca fizeram cerimônias tradicionais e nem foram ao fanado. Um dia o tio de Pana veio de Bissau acertar com a família a marcação da data para a realização da cerimónia de toca- choro do seu avô que tinha falecido já há muitos tempos.

Quando o tio chegou à Formosa toda a família ficou contente porque tinha chegado um dos membros considerados "um civilizado". Nessa altura, todas as pessoas que viviam em Bissau eram consideradas cristãos ou brancos. O tio de Pana, que se chamava Barbosa, foi para a capital "Bissau", quando tinha doze anos de idade e nunca mais voltou para a sua terra natal. Ficou em Bissau até que os cabelos da sua cabeça ficaram brancos e nunca fez quaisquer cerimônias tradicionais nem foi ao fanado para que possa ser considerado Bijagó de raiz.

Durante o tempo em que o senhor Barbosa esteve em Formosa, todos os dias de manhã se juntava com os seus colegas para recordar o tempo de infância. À noite, Barbosa ficava sozinho na varanda com um grupo de mulheres, que iam sempre visitá-lo para pedir tabaco e aguardente que ele tinha trazido para a cerimônia de toca- choro.

Todos os dias Barbosa observava o comportamento dos seus colegas de infância e, certo dia, chamou um dos seus fiéis amigos e perguntou-lhe: para onde eles iam todas as noites porque desde que chegou, nunca tinha recebido a visita dos seus companheiros. A noite eram só as mulheres que o visitavam.

O amigo respondeu-lhe que tinha razões. Explicou que todos os dias os homens grandes vão a um lugar sagrado encontrar- se com os mais novos para fazer cerimônias sagradas. Estes jovens estão cumprindo com os seus deveres para que possam ser considerados Bijagós em qualquer momento. Barbosa ficou ainda mais confuso com estas

explicações. Voltou a fazer outra pergunta ao seu amigo, se tinha o direito a ir assistir essas cerimônias, uma vez que se tratava de um encontro entre os mais velhos e os mais novos.

O amigo, com toda a paciência, respondeu ao Barboza que as cerimônias que estavam fazendo, não se tratava de simples conselhos, mas também, os mais novos estariam pedindo autorização dos mais velhos para irem ao fanado que tem muitas situações de grande perigo, por isso, só quem já tinha realizado essa cerimônia é que poderia assistir como também comer e beber as comidas, peixes e vinhos que os jovens levavam para a mata sagrada.

Barbosa baixou a cabeça e perguntou: por que é que estas pessoas fazem essas cerimônias? Tentou mais uma vez saber junto do seu amigo que lhe disse que não podia responder e tinha que ir embora porque já estava na hora de os jovens começaram a limpeza dos caminhos no mato para a realização das cerimônias tradicionais. Para além dessa desculpa do amigo de Barbosa, é perigoso explicar a alguém que não fez as cerimônias todas as coisas que acontecem na Mata Sagrada.

A partir desta data, Barbosa, cada vez que a cerimônia se intensificava, ficava mais longe dos seus amigos de infância, uma vez que não tinha realizado a cerimônia que lhe dava o direito de se aproximar deles. Passado dos dias, Barbosa mandou chamar toda a família para marcarem o dia da cerimônia do toca-choro do seu pai. Toda a família se concentrou em casa, debaixo de uma mangueira, onde todos estiveram de acordo com a data escolhida.

Nesse dia, todos se concentraram na casa do Eriangho que era a pessoa mais velha da geração (djorson) do pai de Barbosa e foi nesta casa que tudo se realizou. Além das comidas que foram feitas pela família de Barbosa, nos arredores da tabanca algumas pessoas também cozinharam e arranjaram vinhos para irem render a última homenagem de despedida à alma do falecido pai de Barbosa.

No dia da cerimônia, às três horas da tarde, toda a família se concentrou ao largo da tabanca para apresentar tudo o que foi preparado para a grande festa de despedida do pai de Barbosa. Enquanto os velhos apresentavam comidas e vinhos,os jovens de ambos os sexos saíram em cortejo com duas vacas para tabancas próximas, para mostrar simbolicamente os valores que o falecido levava para o outro mundo, tudo debaixo de batuque e canções melódicas que saíam das bocas das mais belas meninas Bijagós. Foi assim que decorreu a cerimónia de toca- choro, comes e bebes, foram momentos agradáveis para as pessoas que assistiram.

À tardinha as vacas foram sacrificadas e de cada vaca foi tirada perna para presentear os tocadores de Bombolom que animavam a alma do falecido. O resto da carne foi guardada para o dia seguinte e dividida pelos familiares e pessoas próximas. Durante dois Dias Barbosa esteve sempre ocupado nas visitas que a população da vizinhança lhe fazia.

Depois desta cerimônia, passou uma semana e Barbosa resolveu regressar a Bissau a fim de retomar o seu trabalho. No dia em que ele viajava, juntou toda a família para se despedir e agradecer a todos os que diretamente ou indiretamente o apoiaram na realização da cerimônia de toca- choro de seu pai.

Depois dessa despedida, Barbosa pensou que tudo o que era cerimônia já tinha terminado, mas, esqueceu que o pai tinha falecido sem realizar os rituais do fanado. Barbosa regressou a Bissau tranquilamente e levou o seu sobrinho Pana e o matriculou numa escola particular do bairro.

Dois anos passaram e Barbosa recebeu uma carta da família que dizia:
"Barbosa, a alma do seu pai ainda não entrou em outro mundo, ele está a andar no mato sem lugar para ficar porque não fez a cerimônia do fanado.

Todos os dias as pessoas ouvem a voz dele gritando na mata sagrada, portanto você deve voltar para Formosa a fim de fazer a cerimônia que dá ao seu pai o direito de sentar-se na mata sagrada das mulheres à espera da sua última cerimônia que vai lhe dar o direito de entrar no mundo das pessoas que foram ao fanado".

Quando Barbosa leu a carta ficou nervoso, discutiu com o portador da carta porque ele pensava que a última cerimônia do seu pai tinha sido o toca- choro e jurou que nunca mais ia voltar a Formosa para fazer nenhuma cerimônia e se as pessoas pensavam que ia levar alguma coisa para elas comerem, estavam muito enganadas.

Quando a família em Formosa soube que Barbosa não acreditou naquilo que lhe disseram e que ele jurou não voltar para fazer a cerimônia, todos decidiram abandonar o senhor Barbosa. Conforme o tempo ia passando Barbosa ficou em Bissau sem contato com a família e certo dia, sonhou que o seu pai, já falecido há muitos anos, estava sentado numa vaca que lhe servia de transporte para viagem. Andaram até que chegaram na mata sagrada, perderam o rumo e ficaram a andar sem uma direção certa.
Barbosa se levantou em cima da cama. Começou a pensar no seu falecido pai e, de manhã, foi a casa do sábio para lhe perguntar sobre o significado do sonho.

O Sábio abriu o livro sagrado e começou a ler as páginas dos sonhos e, quando viu o significado do sonho do senhor Barbosa, começou a lhe explicar que viu um homem grande sem roupas no corpo, andando de um lado para outro, sem lugar para ir e com uma corda de vaca na mão e disse para Barbosa, que devia regressar a Formosa para falar com a família sobre a cerimônia do pai ligada ao fanado. Depois da explicação do Sábio, Barbosa logo se lembrou da carta que a sua família lhe tinha escrito.

Quando Barbosa regressou a casa logo no mesmo dia começou a fazer compras de algumas coisas que a família tinha solicitado para a cerimónia. Depois de comprar tudo o que era necessário partiu de novo para Formosa. Durante a viagem houve uma grande tempestade e ninguém acreditava que chegariam. Alguns passageiros não aguentavam, muitos choravam e foi um susto inesperado durante cinco horas de viagem, chegaram vinte horas e Barbosa, cansado, não resistiu e foi para cama.

Na manhã seguinte é que alguns familiares tomaram conhecimento da chegada de Barbosa foram o visitar e logo se aproveitaram para marcar a data da realização da primeira cerimônia do seu pai que lhe dava o direito a escolher uma menina para fazer a outra cerimônia. A licença de Barbosa era de sete dias e neste período ele queria resolver problemas essenciais.

No dia da primeira cerimônia os familiares cozinharam, arrumaram vinhos de palma e outras bebidas especiais e entregaram às mulheres mais velhas que, acompanhadas das meninas da aldeia, levaram para a Mata Sagrada de Kadiger. Essa primeira cerimônia se realiza para fazer a alma dos mortos ficar só naquela mata à espera das restantes cerimônias.

Depois da realização desta cerimónia, Barbosa regressou de novo para Bissau, pois a sua licença estava a chegar ao fim, e ficou à espera de que voltassem a lhe chamar para honrar o último compromisso da memória do pai.

Passando seis anos, as mulheres decidiram realizar essa cerimônia, segundo a tradição, todos os defuntos que não tinham ido ao fanado deveriam escolher uma menina que deveria fazer a cerimônia de despedida entre a alma do morto e suas famílias. Por essa razão, Barbosa foi chamado a ir assistir e, como não percebia muitas tradições, não reclamou, arranjou tudo o que era preciso e viajou para Formosa.

No dia da cerimônia, toda a família e vizinhos foram assistir para se despedirem da alma do pai de Barbosa que iria passar a ter o direito de entrar no mundo dos mortos que tinham ido ao fanado.

Havia tudo o que era de comer e beber no local e as mulheres colocaram essas coisas em cima de uma mesa onde a alma iria encontrar com a família.

Passados alguns momentos, as mulheres grandes começaram a gritar em vozes altas dentro da mata, enquanto as meninas dançavam no largo se preparando para serem escolhidas por uma alma morta. Os gritos na mata eram sinais que uma alma ia se apresentar à família para a última despedida.

Passou algum tempo e as mulheres gritaram de novo. Era o sinal que o pai de Barbosa estava a caminho para o último adeus cuidadosamente, as mulheres seguiam essa alma vestida de Camisa com mangas compridas, calças e uma galocha e na cabeça ele tinha um chapéu e o rosto escondido com as palhas de palmeira para que as pessoas não pudessem identificar seu rosto.

Barbosa, quando viu aquela pessoa no meio de muitas senhoras começou a chorar lembrando assim o tempo que vivia com o seu pai. Depois as mulheres e a alma do pai dele deram uma volta no largo, fazendo uma apresentação e, em seguida, foram para a mesa onde estava preparado o banquete de despedida. Como a alma não podia comer no meio da multidão, apontava as comidas mais saborosas e levavam-nas para o lugar sagrado da Mata.

A despedida não durou muito tempo porque a alma não falava com voz, apenas com assobios que muitas das vezes as pessoas não percebiam. Apenas algumas idosas é que conseguiam se comunicar com as almas dos mortos. depois da cerimônia de despedida, o defunto partiu para a Mata e esse foi o seu último encontro com a família.

Depois da despedida dos defuntos, três dias passaram. Todas as meninas da tabanca foram obrigadas a vestir as mais belas saias e usarem os melhores penteados nos cabelos para atraírem as almas e assim serem escolhidas para realizar as últimas cerimônias dos defuntos.

O pai de Barbosa, numa noite, quando as meninas dançavam para apresentar as suas habilidades na dança, escolheu uma das mais belas meninas da tabanca, de nome N' Roga.

A menina, desesperada, gritou e correu para a Mata Sagrada, onde se encontravam os defuntos. As mulheres mais velhas seguiram até o local e ficaram todas na mata até o dia seguinte. N'Roga foi vestida com as roupas que o falecido pai de Barbosa tinha vestido no dia em que morreu, para se identificar que tinha sido ela a escolhida para realizar a cerimônia que o pai de Barbosa não tinha feito. A partir do momento em que

foi vestida aquelas roupas N'Roga foi batizada com o nome de Yagô, nome que é colocado às pessoas no fanado.

Quando N'Roga regressou à tabanca era o momento mais animado da cerimónia porque as melodias das canções e o som dos batuques quebravam a tristeza que se encontrava no espírito da família. Durante semanas, todas as tabancas realizaram danças de defuntos para que as almas mortas pudessem escolher as meninas que queriam para fazer suas cerimônias do fanado. Depois de todas as almas escolherem as meninas de suas confianças, o senhor Barbosa regressou a Bissau deixando a família com a responsabilidade de apoiar a menina N'Roga na realização do referido ritual da cerimônia do seu pai, porque todos os anos a menina tinha que arrumar arroz, vinho, panos e sem esquecer de tabaco para dar as mulheres mais velhas da aldeia.

Em Bissau, Barbosa comprava arroz e aguardente e enviava para N'Roga fazer a cerimônia. O tabaco também não faltava, porque era uma das coisas das quais as mulheres mais velhas tinham mais necessidade.

Passados cinco anos, teve início uma nova cerimônia de fanado em Formosa. Então, o senhor Barbosa pediu licença no local de serviço para ir participar com o seu sobrinho, Pana.

Os dois regressaram à sua terra natal. Qquando saiu do fanado Barbosa foi batizado com o nome de Ambrósio e a partir desse dia ganhou o direito de acompanhar os seus companheiros da tabanca e libertar- se das mulheres quando morrer.

Para os Bijagós da ilha de Formosa, concretamente das tabancas de: Abú, Soié, Acoco, Acuno, Pandja, Ambô, Cabinhae e Cudjanquê, quando morre uma pessoa do sexo masculino sem ter ido ao fanado, a sua alma não vai para o outro mundo junto das almas de outras pessoas que já foram ao fanado. Por essa razão, os familiares das pessoas que morreram sem ir ao fanado são obrigados a fazer uma cerimónia ligada às mulheres, onde a alma do falecido escolhe uma menina da aldeia para realizar a sua cerimónia e que a sua alma possa entrar no outro mundo.

Glossário:

Formosa- Nome de uma ilha na Guiné- Bissau

Bissau- Capital da Guiné- Bissau

Barbosa- Nome da personagem principal do conto

Erianghô- Nome do pai de Barbosa

Pana- nome do sobrinho de Barbosa

Uramia- Nome do amigo do sobrinho de Barbosa o qual cresceram juntos em Formosa.
N'Roga- Nome da menina da aldeia escolhida para fazer a cerimônia do fanado do pai de Barbosa
Abú, Soié, Acoco, Acuno, Pandja, Ambô, Cabinhate, Cudjanquê- São nomes das aldeias que fazem parte da Ilha de Formosa
Tabancas- Aldeias
Fanado- Cerimónia de iniciação e transição para os diferentes grupos de classe etária contrariamente ao que é habitual nas outras etnias da Guiné- Bissau, a cerimônia do fanado Bijagó não faz recurso à circuncisão
Toca- choro- última cerimônia de despedida de um defunto
Cristão ou brancos- Pessoas de elite considerados como civilizados
Bijagó de raiz- Bijagó de origem
Tabaco- espécie de folha de uma árvore que se coloca no cachimbo para fumar.
Sábio muçulmano- Cartomante.
Kadiguer- Nome da mata sagrada

Dinka, o Terrível

Este Conto trazido é um conto tradicional guineense conseguido através dos terceiros, desde já peço desculpas por não conseguir descobrir o Autor.

Há muitos anos vivia no rio Geba um terrível Crocodilo chamado Dinka. Era tão sanguinário que não tinha igual. Por isso, o Leão Sumba cedeu-lhe o lugar de rei dos animais. Dinka era respeitado por todos os animais, mas os homens o detestavam. Não passava uma semana sem apanhar uma pessoa.

Alguns Caçadores mais valentes tentaram matá-lo, mas não conseguiram. Dinka era o mais astuto de todos. Ele passava dias a nadar perto da margem, mas sem subir. Sabia muito bem que os homens eram manhosos e talvez pudessem atacá-lo. Aparecia repentinamente, apanhava uma lavadeira e desaparecia novamente.

As pessoas sentem- se desanimadas. Desesperados, o rei Seni reuniu toda a população e disse-lhes:

Quem conseguir matar e tirar a pele do Dinka receberá metade do seu reino e umas das minhas filhas como esposa. Ninguém se atreveu a aceitar o desafio a não ser um jovem chamado Sidibé. Ele não era tão forte, mas muito corajoso.

Sidibé pensou: Dinka é manhoso, para vencê-lo é preciso muita coragem.

Sidibé arranjou uma lança e um escudo de madeira e pôs- se a passear ao longo do rio.

Os animais estranharam o comportamento de Sidibé e enviaram o Leão Sumba para interrogá-lo.

– Por que é que estás a passear por aqui? - Perguntou o Leão.

– Vou caçar o Crocodilo Dinka e forrar o meu escudo com a pele dele.

– Respondeu- lhe Sidibé.

– E quando é que você pensa em fazer isso?

– Em breve, durante a lua cheia. Porque acho que nessa altura será mais fácil de encontrar.

Quando o Crocodilo soube disso riu- se, mas à medida que a lua crescia ele ficava mais preocupado. Sabia muito bem que os homens eram perigosos e talvez ainda pudessem atacá-lo com suas lanças. Dinka decidiu subir à margem do rio e atacar Sidibé. Este fugiu rapidamente para cima de uma árvore que havia ao pé do rio e assustado disse:

– Ainda não chegou a hora! A lua só ficará cheia na próxima noite!

– E o que acontecerá na próxima noite? - Perguntou Dinka furioso.

– Será o teu fim, Crocodilo maldito! - respondeu-lhe Sidibé.

– Pensas matar-me?

– Eu?!... Bem gostaria, mas não sou suficientemente forte para isso.

– Respondeu Sidibé tentando enganar Dinka.

– Se não tivesse subido à árvore já te teria comido há muito tempo, mas hei de conseguir apanhar-te!

Cansado de esperar, o Crocodilo voltou para a água aguardando pelo dia seguinte, porque estava convencido que iria vencer Sidibé. Entretanto, Sidibé desceu da árvore e regressou a sua casa.

Na noite seguinte a lua estava bem cheia. Sidibé decidiu utilizar uma nova estratégia para vencer Dinka. Além da lança, levou consigo um enorme espelho que o feiticeiro da tabanca tinha lhe oferecido. Tudo o que nele se refletia parecia ter tamanho dobro.

Naquela noite, a lua iluminava a margem do rio e Dinka saiu novamente da água para atacar Sidibé. Este já o esperava, pacientemente em cima da árvore. Assim que vê Dinka aproximar- se, Sidibé faz descer o espelho por uma corda até ao pé da árvore. Dinka ao ver a sua imagem aumentada pensou que era um outro Crocodilo.

Nesse instante, Sidibé aproveitou para enfiar-lhe a lança num dos olhos. Dinka assustado com o tamanho do rival quase sem poder ver ficou perdido e Sidibé acabou por

o matar. Em seguida, arrancou a pele do Crocodilo, forrou o seu escudo e o levou ao rei Seni.

E foi assim, que ele recebeu a metade do reino, casou- se com a princesa de sua escolha e viveram felizes para sempre.

Glossário:

Dinka - Nome do Crocodilo citado no conto.

Astuto- que sabe agir de maneira a angariar para si vantagens e a não se deixar enganar; esperto, matreiro, astucioso.
Hábil para fazer maldades, esp. enganando outrem; astucioso, velhaco, finório.

Manhoso- que tem manha, habilidade para realizar algo; desenvolto, destro, talentoso.
Hábil para enganar, para despistar; ardiloso, esperto, malicioso.

Lança- arma constituída de uma longa haste terminada por uma peça pontiaguda, para ser arremessada ou empunhada.

Escudo- Arma defensiva destinada a proteger o corpo dos golpes de armas brancas.

O Rio Geba é um dos **maiores rios da Guiné-Bissau**. É um rio de planície, caudaloso na época das chuvas (de abril a outubro). Rio Geba, com o arquipélago dos Bijagós frente à sua foz, visto de satélite. É uma extraordinária via de comunicação com o interior do país.

Geba- Nome de uma cidade na Guiné- Bissau.

O Filtro de Amor

Este conto foi extraído do livro" FOGO FÁCIL", do autor guineense e rapper, Marinho de Pina.

Narrador em off:

Essa história ocorre nos dias de hoje, numa pequena aldeia da Guiné Bissau.

Cenário:

Um quarto pequeno e simples onde, na cama, a mãe cuida de Windjaba, uma bela recém-nascida.

Cena 1

Preocupada, a mãe conversa com o esposo:

– Será que fizemos certo em prometê-la desde o umbigo a Bassan?

- Claro, mulher, foi em troca de favores do campo. E quem sabe, no futuro em lembre mais desse trato.

Cenário: na sala da casa estão o casal, a filha Windjaba quando chega Bassan trazendo presentes.

Cena 2

Bassan: pois então, tenho observado Windjaba e ela está cada vez mais linda. Então, resolvi vir lhes fazer uma visita e cobrar-lhes o nosso acordo.

Pai: trato é trato! Vamos comemorar e marcar o casamento.

Narrador em off:

E o casamento se consumou. Bassan já tinha várias esposas, mas Windjaba era sua preferida, pois ela era a mais jovem dentre suas mulheres.

Cena 3:

Windjaba pensando em voz alta: eu entendo que nossa tradição é que o homem tenha várias amantes. Eu sou feliz com Bassan. Afinal de contas, as mulheres aqui devem obedecer aos pais e aceitar de bom grado os casamentos contratados no berço.

. **Narrador em off:**

Com o passar dos anos Bassan foi perdendo o interesse por Windjaba e já estava contratando outro casamento com uma jovenzinha cujos pais tinham mandado chamar de Bissau para lhe dar em casamento.

Cena 4:

A jovenzinha pensando em voz alta: Eles que pensem que eu serei outra Windjaba! Eles que pensem!! Vou me casar com quem eu quiser. Ninguém manda em mim.

Narrador em off:

Mesmo contra a vontade dela, eles se casaram, mas a rebeldia dela incomodava Bassan, mas ele não queria largá-la, pois isso abalaria seu orgulho.

Narrador em off:

Windjaba, porém, não gostava do modo como a amante tratava Bassan e aproveitava as fugidas da outra para Bissau, para envenenar a mente de Bassan.

Cena 5:

Windjaba: mas Bassan, você não percebe que ela não te respeita? Largue-a! Fique comigo. Deixe-me voltar a ser a sua preferida!

Bassan: saia, mulher! Você não sabe o que fala. Vou lhe dar uns tapas para você aprender a ficar de boca fechada.

Narrador em off:

Bassan parecia ter perdido o gosto pela vida. Já não cuidava de si, nem sequer comia, pois perdera o apetite e o gosto por tudo. Passou a tratar mal todas as pessoas à sua volta, especialmente suas mulheres.

Cena 6:

Windjaba, com um cesto de costura no colo, pensando em voz alta.

Já faz mais de 2 meses que ele não me procura e nem quer chegar perto de mim! Vou procurar um amante, alguém que me queira. Sou jovem e bonita ainda. E quem sabe Bassan fique com ciúme de mim e me queira de volta.

Narrador em off:

Bassan, de fato, ficou com ciúme e descobriu que o amante de Windjaba era mais jovem que ele. Bassan ficou preocupado porque ela estava indo muitas vezes ver seu amante, mas, mesmo assim, ainda a tratava mal.

Cena 7:

Numa ampla cozinha, algumas mulheres conversavam alto enquanto preparavam comida para o Canta-pó, uma festa tradicional da aldeia balanta.

Mulher 1: eu dei uma dose do filtro do amor ao meu homem e ele voltou a me procurar – disse alegre!

Mulher 2: não diga? E com quem você conseguiu esse remédio maravilhoso?

Mulher 1: ah foi com aquele que agora está namorando Windjaba. Ele é feiticeiro djamba cuz também.

Windjaba: ah é. Pois eu vou pedir a ele um pouco desse remédio.

Narrador em off:

E assim fez Windjaba. Depois de uma boa noite com o amante, mesmo temendo magoar seu amante, pois percebia que ele estava apaixonado por ela, acabou lhe pedindo uma dose do filtro do amor para reconquistar Bassan.

E, muito a contragosto, seu amante entregou-lhe uma dose do filtro do amor.

Windjaba voltou para casa contente e na primeira oportunidade, preparou um delicioso prato para Bassan salpicando uma dose do filtro no prato do marido.

Cena 8:

Naquela noite, na cama, Windjaba estava ansiosa para colher os frutos de sua esperteza, mas Bassan começou a queixar-se de dores no estômago e a delirar. Depois de muito suar e ter vários espasmos, Bassan morreu nos braços de Windjaba.

Narrador em off:

Tomada por profunda tristeza, Windjaba ficou dois meses sem sair de casa, de luto.

Seu amante, preocupado com seu sumiço e também com muitas saudades de Windjaba passou a fazer-lhe visitas, a entretê-la e a contar histórias.

Então, vendo- se favorecido pela situação; o Djambacuz pediu Windjaba em casamento. E ela aceitou, principalmente porque ele era o único homem por quem se interessou em toda a sua vida depois de Bassan.

O casamento foi realizado segundo a tradição, os dotes foram trocados e a vida de Windjana sofreu uma nova mudança. A alegria dos seus dias de mocidade voltou à sua vida, sentiu- se apaixonada e desejada de novo, e não há força mais vigorosa para uma mulher do que isso. Ela parecia que andava a tomar banho no poço da juventude, rejuvenescia.

Narrador em off:

Os homens, não foi provado cientificamente, mas talvez tenham nascido todos para poligamia.

Passado uns tempos, o djambacuz se casou com outras mulheres mais novas que Windjaba.

Pobre mulher!

A vida deu voltas e, novamente, Windjaba estava sofrendo como nunca antes tinha sofrido.

Passou a chorar, lamentando a sua pouca sorte.

Cena 9:

Windjaba: Ai, ai ! Eu não tenho sorte, costumo me entregar pelo meu marido de corpo e alma, mas em troca sempre me abandonam.

Narrador em off:

Windaba começou a pensar em arrumar um amante mais outra vez tentando ver se o curandeiro teria ciúme dela.

No meio desse pensamento lembrou- se de que o homem com quem tinha namorado há vários anos era o seu atual marido, e que naquela época ele tinha feito um filtro de amor.

Cena 10:

Winjaba sorrindo muito satisfeita, se levantou e foi olhar o frasco que tinha guardado nas suas bagagens.

Narrador em off:

Ao voltar para a sala toda sorridente, O Djambacuz estranhou com o comportamento de sua mulher e questionou-lhe:

Djamba Cuz: Windjaba, por que você está tão contente hoje? Será que está me traindo?

Windjaba: Não meu amor, eu não vou trair você nunca não.

Eu estou contente, porque agora eu vou ter você somente para mim.

Narrador em off:

Naquela noite, quem fez o jantar foi Windjana, e ao servi-lo colocou a poção na comida do marido.

Mais tarde, Windjaba estava junto do seu desconfiado marido, fazendo- lhe cafuné, coisa que tinha deixado de fazer há muitos anos.

De repente, o marido começou a sentir-se mal e Windjaba pensou, feliz, que eram os efeitos do Filtro do Amor.

Cena 11:

Djamba Cuz: Eu estou passando mal e você fica rindo?

Windjaba: Sim, porque te dei o Filtro de Amor para fortalecer mais o nosso relacionamento.

Djamba Cuz: Qual Filtro?

Windjaba: Aquele que você me deu para eu aplicar ao meu ex-marido!!! (disse ela com naturalidade).

Djamba Cuz: Por que você não me falou antes? Só desgraçada!! (desabafou ele)

Aquilo era veneno!!!!!

Narrador em off:

Windjaba tentou socorrer O Djamba cuz levando-o rapidamente ao hospital, mas ele morreu ao dar entrada na emergência.

.

Glossário:

Bnan`ar- Ter amante é uma coisa normal para a etnia dos balantas.

Windjaba - Nome de uma menina na língua balanta

Bissau- Capital da Guiné- Bissau

Pegado umbigo- ir pedir a mão de uma menina em casamento, assim que ela nascer.

Bagabaga- Cupim

Tabanca- Aldeia

Cumbossas - Duas ou mais mulheres que se casaram com o mesmo homem

djamba cuz- curandeiro tradicional

Bassan- Nome próprio masculino do Primeiro Marido de Windjaba

Canta- Pó- Festa tradicional da etnia balanta

Badjuda- Menina (uma jovem).

Nem tudo o que brilha é Ouro

Este conto foi extraído de um dos livros didáticos de leitura, do Ensino básico na Guiné- Bissau e a ideia de recontar esse conto surgiu no segundo período do curso. Na disciplina: Leitura e Produção de Textos em Língua Portuguesa 2, quando a Professora Andrea da Silva Pereira pediu que inventássemos algum conto. Aí veio a recordação dessa história que li quando criança, só que eu não tinha mais lembranças completas então tive que inventar para poder fechar o conto. Tempos depois tive acesso a uma página do Livro fornecido por meu irmão José da Costa Junior.

Há muitos anos na povoação de Sintcham Botché, província localizada no leste da Guiné- Bissau, vivia um homem de nome Samba. Ele era muito respeitado na sua aldeia assim como nas tabancas vizinhas por ser um homem humilde e trabalhador.

A cada estação chuvosa, o Samba tinha o hábito de cultivar dez campos de mandioca, batata doce, milho e entre outros produtos alimentares etc…

Ele tinha o seu amigo de infância, chamado Bacar, a quem se divertiam compartilhando as preocupações e os sentimentos da vida.

Como na etnia Fula, quem tem o direito de dar sua filha em casamento é o pai. O Bacar prometeu ao seu amigo que se ele viesse a ter uma filha, lhe daria em casamento como ele era solteiro.

Mas a tradição deles recomenda que se alguém prometer dar a você uma menina em casamento, a pessoa que deve se casar com a moça deve trabalhar cinco anos para o pai da mulher como recompensa do casamento.

O Samba não hesitou, aceitou a proposta, passou a tirar dois dos seus campos e dar ao Bacar em cada período do cultivo, trabalhando assim para ele.

Os anos se passaram e o Bacar conseguiu ter uma menina, a quem colocou o nome de Binta. Ela era tão linda, de forma que todos os moradores da aldeia comentavam sobre sua beleza.

O Bacar por sua vez foi a casa do Samba dizer-lhe que a promessa já tinha sido cumprida somente faltava o dia de colocar tudo na prática, tomou mais dinheiro nas mãos do Samba para o sustento da menina e compra dos materiais escolares posteriormente, assim que essa atingisse a idade de ir para a escola.

A Binta quando concluiu o Ensino Médio tinha apenas quinze anos e já era uma mocinha. O Samba num dos dias foi a casa do Bacar explicou-lhe que a moça amadureceu e aquele momento era o certo para realizarem o casamento. O Bacar aceitou, mas sem o consentimento de Binta que não sabia nada que estava rolando.

Combinaram o dia do casamento e nesta data, o Samba veio com os seus familiares e o Bacar também chamou sua família e se reuniram, Samba tinha trazido os mais outros dotes que o pai da menina tinha pedido a ele conforme recomendado às suas tradições.

Ao tomar a palavra na reunião, o Bacar disse para a filha:

– Binta esse homem que se sentou à sua frente chama- se Samba é o seu marido, estamos aqui reunidos para celebrar o casamento de vocês, passou a palavra ao Samba que falou sobre o mesmo assunto.

Binta por sua vez ao se pronunciar disse:

– Eu! Binta baldé, não vou me casar com um homem pobre e que passa toda a sua vida a curvar- se. Eu, uma mulher lindíssima e muito bem esclarecida. O pai ficou envergonhado perante a multidão e foi assim que se deu por encerrada a reunião.

A notícia se espalhou por toda a região leste da Guiné- Bissau.

Passados alguns meses, o Adulai um jovem da mesma tabanca, apareceu na casa do Bacar muito bem-vestido para montado no seu cavalo e com seus seguranças foi pedir a mão de Binta em casamento, o pai não queria aceitar a proposta, mas a menina vendo aquele jovem tão elegante pressionou o paia a aceitar.

Casaram-se- se e a festa do casamento deles foi a melhor que chegou a ser realizada naquela aldeia, tinha tudo o que era preciso para celebrar um casamento. A Binta e o seu marido Adulai moravam na mesma tabanca com o Samba.

Foram muito felizes e no sétimo de recém-casados a fome abalou a tabanca. Mas, não era o caso da casa deles, porque tinham muita quantidade de mandioca em casa.

O marido da Binta não fazia nenhum trabalho durante o dia, só costumava sair a noite, a mulher não conhecia o seu local de serviço…

Um dia, o Adulai pediu a Binta que lhe acompanhasse no seu novo campo que iria pegar mandioca, foram lá, duas, três vezes e quando voltaram pela quarta vez foram pegos no flagra pelo Samba que lhes perguntou o que estariam fazendo no seu campo. O Marido da Binta começou a tremer e não tinha mais a boca para falar, a mulher ao seu lado começou a chorar e se ajoelhou à frente do Samba e começou a pedir desculpas dizendo que não sabia que aquele campo era do melhor agricultor da aldeia.

O Samba, como era uma pessoa de bom coração, perdoou-lhes oferecendo mais mandioca a eles. Foi assim que Binta e o Adulai se divorciaram, porque a mulher descobriu que o seu marido era ladrão.

O Hipopótamo dá carona ao Lobo[2] [3]

*Este conto trazido faz parte do livro "**Lendas e contos da Guiné- Bissau**, que tem como autor: J. Carlos M. Fortunato.*
Disponível em:

https://blogueforanadaevaotres.blogspot.com/search?q=O+hipop%C3%B3tamo+d%C3%A1+boleia+ao+lobo. Acesso em: 06 de novembro de 2023.

O lobo queria atravessar o rio, mas não podia, porque este tinha muita água. Então foi pedir ajuda ao hipopótamo, para este o levar ao outro lado do rio. O Hipopótamo não gostava do lobo, por ser malandro. Respondeu ao lobo: - Não tenho tempo, devo ir comer e depois descansar. O lobo não desistiu e continuou pedindo insistentemente.

- Tenha paciência, me ajude com a carona, tenha paciência me ajude com a carona, tenha paciência me ajude com a carona, repetia o sem parar.
- Está bem, vou te levar para o outro lado nas minhas costas, mas se me fizer mal, você irá se arrepender.
- Obrigado, obrigado disse logo o lobo, ao mesmo tempo que se ria baixinho.

O Hipopótamo desconfiou daqueles risos, mas pensou que talvez fosse porque o lobo estaria contente. E o lobo já foi as costas do Hipopótamo até ao outro lado do rio. Quando chegaram à outra margem do rio, o lobo deu uma dentada no Hipopótamo,

[2] A fonte deste conto é o blog Luís Graça camaradas da Guiné Disponível em:https://blogueforanadaevaotres.blogspot.com/search?q=O+hipop%C3%B3tamo+d%C3%A1+boleia+ao+lobo. Acesso em: 06 de novembro de 2023.

arrancou-lhe um bocado de carne e fugiu rapidamente, o Hipopótamo ferido lançou um grito de dor e de nervo.

- Aaaargh!

O Hipopótamo ficou furioso e zangado, mas ferido não podia correr atrás do lobo.

Algum tempo depois passou por ali a lebre, ao ver o Hipopótamo ferido, perguntou-lhe o que tinha acontecido ao saber da maldade do lobo.

- Esse lobo é mesmo mau! Eu não gosto dele disse a lebre. Eu vou te trazer o lobo aqui.

A lebre foi para o mato e começou a tocar Bombolom, chamando todos os animais. Quando estavam todos os animais reunidos a lebre disse:

- Está um Hipopótamo morto na margem do rio, vamos comê-lo. Aquele Hipopótamo é meu, foi eu que o matei e eu que vou comer sua carne toda. Dito isso, o lobo correu para o local onde estava o Hipopótamo morto, mas quando se preparava para comer o Hipopótamo este abriu a sua boca grande e deu uma dentada. E foi assim que o lobo foi castigado pela sua maldade.

Glossário

Bombolom- é um instrumento musical, que é tocado com dois paus, batendo-se num tronco de árvore ao qual foi retirado o seu interior, ficando com uma abertura em cima, de modo a servir de caixa de ressonância.

O casamento do lebrão

*Este conto trazido faz parte do livro "**Lendas e contos da Guiné- Bissau**, que tem como autor: J. Carlos M. Fortunato.*[4]

Disponível em: https://blogueforanadaevaotres.blogspot.com/search?q=o+casamento+do+lebr%C3%A3o. Acesso em: 06 de novembro de 2023.

O Rei Leão tinha uma linda filha, que se queria casar, mas não tinha namorado. Um dia o lobo (hiena) passou pelo portão do palácio do Rei, e viu a princesa que estava a apanhar flores e a cantar, e ficou logo apaixonado por ela. O lebrão (macho da lebre) também passou por lá e ao ver a princesa também ficou apaixonado por ela.

[4] A fonte deste conto é o blog Luís Graça camaradas da Guiné Disponível em: https://blogueforanadaevaotres.blogspot.com/search?q=o+casamento+do+lebr%C3%A3o. Acesso em 06 de novembro de 2023.

– É mesmo com esta princesa que eu me vou casar - pensou alto o lebrão, quando a viu. Como o palácio tinha guardas, que não os deixavam entrar, o *lobo* e o lebrão passaram a andar à volta do palácio, para ver se conseguiam falar com a princesa. Um dia o *lobo* e o lebrão encontraram-se os dois, junto ao muro do palácio.

– O que fazes aqui? – perguntou o lebrão.

– Queria ver a princesa, ela é mesmo bonita e tem uma voz tão doce! – disse o lobo suspirando.

– Eu também a vi no jardim, gostei muito dela, e quero me casar com ela – disse o lebrão.

– Tu também? Quem vai se casar com a princesa, sou eu! – exclamou o *lobo*.

– Não sei como vamos conseguir falar com ela. Os guardas não deixam passar ninguém… – comentou o lebrão.

A girafa, que estava de sentinela junto ao muro, ouviu a conversa, e com o seu pescoço comprido espreitou, viu o *lobo* e o lebrão, e disse:

– O que querem daqui? Vão-se embora.

– Cala-te, garganta comprida – respondeu o *lobo*.

– Ambos gostamos da princesa e queremos nos casar com ela – disse o lebrão. A girafa foi contar ao Rei, e este mandou chamar o *lobo* e o lebrão, e disse:

– A minha filha aceita casar-se com um de vocês, mas têm que fazer uma luta sem armas. Só poderão usar a força do corpo e ela se casará com quem vencer. Ao vencedor, eu darei a minha filha para casar-se, dois bois e um lugar no palácio para ele viver. A luta será amanhã às dez horas.

O *lobo* todo contente disse logo:

– Hé! Hé! Eu é que vou me casar com a princesa, pois sou o mais forte.

No dia seguinte, às sete horas da manhã, o *lobo* já lá estava com o seu grupo, à porta do palácio, a tocar tambor e a dançarem de contentes, pois tinham a certeza de que o *lobo* ia ganhar a luta, mas o lebrão era muito esperto e não desistiu.

– Huuum..., tenho que arranjar uma maneira de vencer o *lobo* – pensava alto o lebrão. – Já sei! Vou meter-lhe tanto medo, que ele vai fugir! – disse o lebrão para o seu grupo. O lebrão arranjou umas braceletes para os braços e para o corpo, para parecer mais forte, pôs-se em cima dos ombros do macaco e vestiu uma camisa comprida, para esconder o macaco, e assim ficou a parecer um gigante.

O grupo do *lobo* ouviu tambores e viu poeira ao longe, e um deles disse:

- Vem aí o lebrão mais o seu grupo. O *lobo* levantou-se, olhou, e viu um grupo de animais que se aproximava, trazendo à sua frente um animal enorme, e disse:

– Não pode ser. O lebrão não é assim tão grande, o lebrão é pequeno. Vai lá ver quem é. O amigo do *lobo* foi ver e voltou a correr gritando:

– É mesmo o lebrão, cresceu muito, agora é um gigante, fujam, fujam. Cheios de medo, o *lobo* e o seu grupo, largaram a fuga.

E foi assim que o lebrão conseguiu casar-se com a princesa e ficar a viver no palácio do Rei.

A Lebre e o Lobo não têm fome[5]

Este conto trazido faz parte do livro "**Lendas e contos da Guiné- Bissau**, que tem como autor: J. Carlos M. Fortunato.

Disponível em: https://blogueforanadaevaotres.blogspot.com/search?q=A+lebre+e+o+lobo+no+tempo+de+fome. Acesso em: 09 de novembro de 2023.

No tempo de fome, Lebre nada tinha para comer, ela e o seu filho passavam fome. Como não conseguia encontrar nenhuma comida perto de casa, a Lebre decidiu partir à procura de comida em outros locais.

- Meu filho, tenho que ir procurar comida, mas vou voltar o mais rápido possível que puder - disse a Lebre ao filho. A Lebre procurou por toda a parte, contudo não encontrou nenhuma comida, pois era o tempo da fome e em nenhum lado havia comida. Mas ela descobriu que o Lobo tinha muita comida na casa dele, mais do que precisava. Apesar de saber que o Lobo era mau, que nunca dava nada a ninguém, e até podia comer ela, a Lebre foi bater à porta do Lobo e pedir-lhe um pouco de comida, para levar o seu filho.

- Eu só vou dar-te um pouco de comida, depois você terá de trabalhar para mim, a partir de agora você ficará trabalhando aqui- disse o Lobo.

- Está bem - respondeu a Lebre.

- Esta noite, você ficará de guarda na minha casa, para não roubarem nada, mas não toque na casa do meu vizinho Leão - disse o Lobo.

[5] Disponível em: https://blogueforanadaevaotres.blogspot.com/search?q=A+lebre+e+o+lobo+no+tempo+de+fome. Acesso em: 09 de novembro de 2023.

- Por quê, perguntou a Lebre

- Porque o Leão é invejoso, arrogante e muito bruto - respondeu o Lobo.

Durante a noite, quando todos dormiram, a Lebre foi para a casa do Leão, roubou o filho dele e escondeu- o na casa do Lobo. Quando chegou a manhã, o filho do Leão começou a chorar, pois estava cheio de fome. O Lobo, ao ver o filho do Leão na sua a chorar, ficou muito aflito sem saber o que fazer, pois tinha muito medo do Leão. - Como veio o filho do Leão, parar aqui? O que vou fazer agora? Será melhor escondê-lo? - dizia o Lobo, andando de um lado para o outro, sem saber o que fazer.

O Leão falava pouco e não gostava de brincadeiras, ficou furioso quando ouviu o filho chorando na casa do lobo. - Como se atreve o lobo a roubar o meu filho? - Gritou o Leão e correu para a casa do Lobo. O Lobo nem teve tempo de dizer nada, porque o Leão estava enfurecido arrebentou a porta do Lobo e deu-lhe algumas estaladas.

O Lobo fugiu, e o Leão correu atrás dele, mas o seu filho começou a chorar e o Leão voltou para junto do filho. Ao ver o Lobo fugir, a Lebre deu pulos de contente, porque agora tinha comida e podia ficar a viver na casa do Lobo, pois o lobo nunca voltaria por ter medo do Leão, a Lebre correu para ir buscar o filho. Como o lobo tinha muita comida, a Lebre dividiu- a com os outros animais que tinham fome. E foi assim que a Lebre se livrou do Lobo e conseguiu muita comida.

Glossário

Lobo- Hiena

Estaladas- plural de estalada. O mesmo que: bofetadas, chapadas, estalos.

Enfurecido- adjetivo *1.* cheio de fúria; furioso, raivoso.

A Hiena, a Lebre e o Visco[6]

Este conto trazido foi extraído do livro digital "contos tradicionais da CPLP". Disponível em: https://www.cplp.org/Default.aspx?ID=4547. Acesso em: 07 de novembro de 2023.

Um dia, a Hiena e a Lebre combinaram ir pescar à gamboa. A Lebre agarrou na sua gamboa e colocou na bolanha. A Hiena agarrou na dela e colocou no mar. De

[6] [6] A fonte desse conto é o Site, Disponível em: https://www.cplp.org/Default.aspx?ID=4547. Acesso em: 07de novembro de 2023.

madrugada a Lebre se levantou- se e foi ver as gamboas, quando lá chegou reparou que a sua gamboa só tinha apanhado Sapos. Depois foi à gamboa da Hiena e viu que estava cheia de peixes.

A Lebre voltou para trás, foi buscar os Sapos à sua gamboa e pô-los na gamboa da Hiena. Agarrou os peixes que estavam na gamboa da Hiena e colocou na sua. Feito isso A Lebre foi correr para sua casa. Ao passar pela porta do Hiena bateu e chamou - a para que fossem ver as suas gamboas. A Hiena respondeu lá dentro:

Então já amanheceu?

- Claro! Respondeu a Lebre. Ao chegarem, a primeira por onde passaram foi a da Lebre. A Hiena exclamou:
- A tua gamboa está cheia de peixes. Duvido que a minha tenha apanhado tantos peixes assim!

Quando chegou à sua gamboa, a Hiena só viu sapos. - Embora a sua gamboa estivesse no mar e a da Lebre na bolanha. Bom… Todos os dias a Lebre apanhava peixes e a Hiena encontrava apenas sapos na sua gamboa. Os dias foram passando, até que a Hiena furiosa voltou - se para a Lebre:

- Mas quem é que anda a me fazer este trabalho? A

- Sabe o que você deve fazer? Vai ao mouro, disse a Lebre. Mal amanheceu o dia, a Hiena foi consultar o mouro, que lhe falou assim:

- Tem que ir ao Visco durante um mês, quando completar exatamente um mês, vá colocá-lo no mar. Arranja um tronco, você deve polir o tronco todo com o Visco, Põe- lhe um capacete em cima e deixa lá. A Hiena assim fez, pôs o pau com Visco no. De madrugada, a Lebre se levantou- se e foi ao mar. Ao chegar viu aquele vulto na gamboa da Hiena e começou a dizer:

- Parece que aquele anda na gamboa da tia.

- Ah, então era você que vinha cá todos os dias! Claro que a Lebre não sabia do que se tratava. Vira- se para o pau aponta-lhe o dedo, ainda sem saber que aquilo é um tronco com Visco.

- Olha, se você não falar vai levar uma bofetada. O pau ficou calado e manteve- se em pé.

A Lebre dá-lhe uma bofetada e a mão fica colada. A Lebre continua:

- Aí me prende, acha que não tenho outra mão?

- Dá- lhe com a outra mão, que também ficou colada.

- Está bem, disse a Lebre. Aaah! Você pensa que não tenho mais nada…

A seguir dá-lhe uma grande cabeçada e grita:

- Ioooo… ! E insiste: Pensa que já acabei?

Encosta- lhe com o peito com toda a força e fica colada. Dá- lhe um pontapé, o pé fica, dá-lhe com o outro pé, mais uma vez colada. A lebre ficou completamente colada ao Visco. Quando a Hiena chegou de manhã viu aquilo, exclamou: - Era você que me fazia isso todos os dias. Tirava os meus peixes e levava para a sua gamboa e trazia os Sapos para a minha. Finalmente peguei- você.

Glossário

Gamboa= Estacaria para pesca.

Bolanha= grande terreno pantanoso.

Visco= Substância obtida da casca de azevinho.

Bofetada= Tapa no rosto aplicado com a mão aberta; bofetão.

2. **Figurada** réplica ou censura que atinge em cheio.

É no fogo que eu nasci

Este conto trazido foi extraído do livro digital "contos tradicionais da CPLP". Disponível em: https://www.cplp.org/Default.aspx?ID=4547. Acesso em: 07 de novembro de 2023.

Havia a Lebre, A Hiena e o Esquilo. A Hiena tinha um campo de amendoim e o Esquilo costumava convidar a Lebre para lá irem roubar. Iam todos os dias para o campo da Hiena e ficavam lá a comer- lhe amendoim. Um dia, a Hiena saiu para dar volta do seu campo e reparou que já não havia quase metade da colheita.

Não fez mais nada: foi à procura do caminho por onde os ladrões vinham e quando descobriu armou um laço no meio do caminho, para pegar os que andavam a lhe roubar. Mas a Lebre é esperta. Na vez seguinte aproximou- se com muito cuidado… E acabou por ver o laço foi logo contar o Esquilo:

- Han! Você já viu? A Hiena pôs uma corda para nos pegar. Por isso, agora temos que mudar de caminho. Vamos passar à mancarra do outro lado.

Assim fizeram foram para outro caminho. E puseram a comer amendoim, a comer amendoim, a comer amendoim… de repente viram a Hiena vindo! Esperaram Até que a

Hiena chegasse e desataram a correr. Bom… A Lebre, se deu de conta de que a corda o qual a Hiena tinha posto era muito fraca. No dia seguinte voltou e trouxe um Djidiu, combinou com o Djidiu, que quando a Hiena aparecer que começasse a cantar:

Foste Ferida

Solta a mão e corre

O laço da mãe Hiena feriu-te

Solta- te e foge

Quando a Hiena chegou perto, o Djidiu iniciou o seu canto- o Djidiu era o Esquilo. A Lebre começou a correr e meteu- se dentro do laço tchurup! O laço apanhou- a imediatamente. Mas como o laço era fraco, ela esperneou, esperneou, tanto esperneou que acabou por cortar a corda fap! Desatou a correr e desapareceu. Tempos mais tarde… A Lebre voltou aparecer.

A Hiena pôs outro laço e nada. A Hiena, que é burra se farta , naquele tempo não havia cordas boas e o algodão que quando molha um bocadinho só, parte- se é o que A Hiena torceu e fez o laço. A Lebre apareceu e viu que o laço era feito de algodão torcido.

Voltou para o Djidiu:

- Bom já começar a tocar, assim que ela surgir, quando o Djidiu viu a Hiena começou logo os toques:

Foste Ferida

Solta a mão e corre

O laço da mãe Hiena feriu-te

Solta- te e foge

A Lebre começou a correr outra vez e meteu o pé no laço. O laço prendeu- a logo. Esperou a Hiena se aproximar, esperneou um bocado partiu a corda e foi à sua vida.

A Hiena pensou, pensou até que… um dia foi à procura de arame, enrolou- o muito bem em algodão mesmo até em cima e colocou no caminho.

A Lebre chegou, não deu muita atenção, só viu o algodão e disse logo;

- Éé! Hoje vou partir esta corda mais rápido, ela nem se quer torceu. Vou esperar até ela chegar mesmo perto de mim para começar a correr e meter-me lá dentro da mata. O Esquilo também comia no outro lado, quando reparou que tinha que pôr a tocar. A Hiena já estava em cima deles.

O Esquilo fugiu logo, nem tempo teve para tocar. arrancou também pôs o pé no laço tchurup! O arame prendeu- a. Aí! Ela bem sacudia, mas não havia maneira de conseguir soltar- se… A Hiena aproximou- se, agarrou- a bem e disse:

- Sobrinha ! Peguei você.

A Lebre respondeu:

- Ah, tia, agora que você disse uma verdade!

A Hiena disse;

-Vamos.

Carregou a Lebre à cabeça e levou- a para casa. Ao chegar em casa a Hiena acendeu o fogo. Quando as lenhas já tinham acabado de arder e formaram- se uma brasa gigantesca. Foi nessa altura que a Hiena foi buscar a Lebre para deitar ao Lume. A Lebre ela:

- Eh tia, para onde é que você está me levando?
- Para dentro daquele fogo que você está a ver, naquelas brasas é ali que vou colocar- te.
- Tchi!- disse a Lebre.
- Não precisava se preocupar tanto! Se tivesse me explicado há muito tempo, não teria tido esse trabalho todo, carregar lenhas, queimar isso tudo… Olha bem como os meus olhos são vermelhos. Você está a ver?
- Sim, - respondeu a Hiena.
- Bom, é que eu nasci no fogo. Se me colocar aí, não vai acontecer nada comigo. O melhor é me colocar no capim, aí sim, o relento da cabo de mim. A Hiena burra, não deitou a Lebre ao fogo e foi lançá-lo no capim. Mal caiu no capim a Lebre deu um salto e fugiu enquanto dizia:
- Bom, tia, então até qualquer dia.

Glossário

Mancarra- Amendoim

Djidiu - Músico e poeta, depositário da tradição oral.

Capim- Relva

Tatá e Morró

Este conto foi narrado para mim por Muhammad Sidico Samati, estudante do 7º Período de Medicina da Universidade Federal de Alagoas.

Era uma cidade onde existia um casal humilde, a mulher veio a engravidar e deu à luz a gêmeos que deram os nomes de Tatá e Moró. Essa família humilde, depois de terem as crianças ampliaram o esforço para conseguir manter as despesas da família.

Passados alguns tempos os meninos começaram a crescer até atingirem a fase da adolescência, os pais chamaram-lhes para uma reunião.

Disseram para eles, que vieram de uma família humilde e queriam que eles estivessem sempre unidos. - Se um falar uma coisa o outro teria que aceitar, mesmo não estando de acordo, porque não queriam ver a divergência no seio dos dois irmãos. Depois que chegaram na fase adulta, os pais pediram-lhes para triturar amendoim misturado com arroz com o intuito de fazer o prato tradicional guineense (Kuntchuro).

Tatá fez mau uso dos conselhos dos pais: pediu ao irmão grêmio que triturassem os vidros junto com a mistura (amendoim e arroz). O Morró ao analisar o pedido do irmão, recusou à priori. Então, o Tatá lembrou ao irmão sobre um dos conselhos dados pelo país "de não se divergirem". Morró acabou aceitando a ideia do irmão mesmo contra a sua vontade, obedecendo assim o que eram recomendados.

Assim sendo, alguns minutos depois entregaram essa mistura para a mãe deles, que resolveu fazer o almoço com a mistura. Quando foi servido a comida os pais que não sabiam de nada, da conspiração dos filhos degustaram esse saboroso prato, os filhos como já sabiam do que tinham feito não aceitaram almoçar fingindo não terem fome, que só iriam comer mais tarde.

Após trinta minutos da ingestão dessa comida os pais começaram a passar mal, vomitando sangue e perdendo a força totalmente e acabaram morrendo. O Tatá pediu ao Morró que enterassem os pais secretamente de modo a evitar suspeitas por parte dos familiares sobre as mortes estranhas dos pais e assim fizeram.

Logo após as cerimônias fúnebres, Tatá sugeriu ao irmão que queimassem a casa dos pais e mudarem para outra cidade de modo encobrir o rastro. O irmão recusou novamente alegando que a casa era o único bens que os pais tinham deixado para eles serviria como abrigo e tem um valor sentimental como lembrança do legado dos pais, o Tatá usou mais uma vez os conselhos dos pais negativamente fazendo atos covardes e bárbaros.

Como Tatá alegou os conselhos dados pelos pais, Morró acabou aceitando honrando assim os pais. Incendiaram a casa e mudaram-se para outro reino, ao chegarem lá se apresentaram ao palácio onde foram recebidos pelo rei, tradicionalmente todos os hóspedes que chegarem eram encaminhados até o palácio, para que o rei lhes passasse as orientações pois esse reino era diferenciado lá não existia o dia, porque tinha um demônio que botou um encantamento ao reno e a partir desta data nunca mais tinham visto Sol.

Todos eram obrigados a se recolherem antes das dezoito horas, caso contrário eram devorados sem piedade por esse demônio. Tatá ao ouvir esse aviso do rei riu- se e falou com uma voz suave e silenciosa que não dava para ninguém ouvir “era isso que eu queria mesmo, desafiar esse tal demônio”. Depois dessa conversa o rei ordenou aos guardas que mostrassem a casa dos hóspedes para os dois irmãos.

Por parte das dezessete e trinta, as pessoas começaram a entrar nas suas casas e trancarem suas portas até o rei e tanto seus guardas, nesse momento que o famoso Tatá pegou umas armas brancas (Espada, lança, facão et.) acendeu uma fogueira em frente da casa onde tinham hospedado. Os guardas avisaram ele que o fogo iria chamar atenção do demônio que ele apagasse aquele fogo, mas ele simplesmente ignorou, o irmão também lhe avisou sobre as orientações do rei também não ouviu o irmão.

O Irmão recolheu- se antes das dezoito horas para não ser morto pelo demônio. Há algum tempo depois apareceu o demônio rodando por toda a cidade encontrou a fogueira acendida pelo Tatá com um menino na frente “o famoso Tatá”, o demônio falou assim:

- Quem é você?

O Tatá ergueu a cabeça e lhe fez a mesma pergunta. Aí o demônio sentiu- se ofendido. Imagine um demônio que até o rei e o seu exército não tinham a ousadia de enfrentar. O demônio disse-lhe: vou te perguntar só mais uma vez.

- Quem é você? O Tatá retribuiu novamente.
- Quem é você?

O demônio atacou-o para matar, ele que era corajoso e valente posicionou- se com as suas armas brancas, atirou uma lança que atingiu o demônio no olho esquerdo, mesmo assim continuou a briga. o Tatá atirou a lança pela segunda vez que atingiu o olho direito do demônio e atravessou o cérebro, que se enfraqueceu. Então, o Tatá avançou- se e o decapitou, colocou a cabeça num saco e guardo debaixo da cama no quarto em que estavam hospedados.

Em seguida arrastou o corpo pesado desse demônio e o encostou na porta principal do palácio e foi dormir. Naquele dia o Sol amanheceu naquele reino, o povo todo alegre pôs- se a gritar de felicidade. O rei e os guardas concordaram e encontraram, por incrível que pareça, o corpo do demônio no portão do palácio. O rei ficou assustado e alegre ao mesmo tempo, mandou os guardas retirarem o corpo e colocarem no centro da cidade.

Convocou toda a população para um comício de forma descobrir quem tinha feito aquele ato heroico. Oferecendo a mão de sua filha em casamento e o seu trono

futuramente, quando da sua morte. Feito isso, apareceram um monte de sujeitos alegando que tinham sido responsáveis pelo massacre do demônio. Outros matavam animais e sujavam- se todo de sangue só para provar o feito.

Do nada apareceu o Tatá no meio da multidão com um saco pelas costas, saco este em que havia colocado a cabeça do demônio, gritou numa viva voz: eu que matei o demônio e todos ficaram olhando para ele, o rei ordenou seguranças que o levassem para o palco. O rei lhe perguntou: - Ó meu hóspede foi você quem matou esse demônio?

O Tatá olhou para o rei com convicção e jogou o sacou no palco e falou:

- Está aqui a minha prova.

O rei ordenou que os seguranças abrissem o saco e encontraram a cabeça do demônio. Após provar, o rei cumpriu a sua promessa, anos depois por envelhecimento e doença faleceu o rei e Tatá se casou- se com a filha do rei e assumiu o trono.

O rei e o jovem viajante

Este conto foi extraído do trabalho de conclusão de curso de Nembali Mané. Ensino de história em Guiné- Bissau: colisões entre eurocentrismo e realidades históricas do país. Disponível em: https://repositorio.unilab.edu.br/jspui/handle/123456789/2340. Acesso em: 07 de novembro de 2023.

Era uma vez um rapaz que vivia com os pais desde a infância, sem nunca ter saído de sua terra e nem ter frequentado a escola. Um dia, o seu pai decidiu mandá-lo ler, apreender, mas este processo de aprendizagem, segundo o pai, deveria durar três dias. O filho ficou estranhando... Então, perguntou ao pai: “como é possível aprender numa duração de apenas três dias?”

Em resposta, o pai ordenou: “filho, é o que eu disse! Antes de dormir, arruma a sua mala. Amanhã pela manhã cedinho vais”. O filho obedeceu. No primeiro canto do galo, o pai já estava esperando para se despedir e disse: “siga a direção da saída do sol e encontre a cidade onde mora o sábio. Ao chegar, diga que eu lhe mandei para estudar”.

O filho fez conforme a recomendação do pai. Ao chegar na casa do sábio, contou a razão da sua chegada. O mestre disse: “não tem problema. vai dormir até o amanhecer”. No dia seguinte, o sábio disse ao jovem: “Eu sei por que o seu pai lhe mandou e tenho certeza de que vamos terminar na data prevista. Vais aprender aquilo que precisa para sobreviver”.

No primeiro dia de aula, o sábio disse ao jovem: "Quando for atribuída responsabilidade a você, não a recuse". E terminou: “por hoje, é tudo. Daremos seguimento amanhã”. No segundo dia da aula, o mestre lhe disse: “Se não fizeres nada,

nada vai acontecer contigo, ou seja, quem não deve não temer". No terceiro e último dia, o mestre disse: “por mais que estejas com pressa, quando alguém lhe chamar, pare e ouça o que essa pessoa lhe tem a dizer”. Desta forma, termina o seu ciclo de aprendizados. Agora, podes voltar para casa do seu pai, uma vez que já tens conhecimentos suficientes para viver em qualquer lugar.

O jovem voltou e contou ao seu pai sobre o que foi ensinado. O pai ficou muito contente e disse ao filho: “Agora você está pronto para conhecer o mundo”. O filho ficou alguns dias com o pai, mas depois decidiu se despedir e ir conhecer outros lugares. O pai respondeu: “Para mim, não tem problema. Eu já fiz a minha parte: mandei-lhe estudar”.

O jovem se levantou cedo e disse: “Estou pronto”. O pai derramou água na porta e asseverou: “Não se esqueça do que aprendeu”. O filho respondeu: “Não vou esquecer”. E foi embora, até que chegou na fronteira entre o seu e o reino vizinho. Neste reino, os hóspedes sempre não são bem-vindos. Quando chegou, foi levado para o Palácio do rei. O rei olhou e gostou do jovem, disse-lhe: “Vais ficar na minha casa”. O jovem aceitou o convite.

Este rei tinha três mulheres e nenhum filho/a. Cada dia que passava, o rei ficava mais impressionado com o jovem, foi gostando dele cada vez mais. Entretanto, esta atitude do rei não contentou o seu povo. Convocaram uma reunião para chamar a atenção ao rei: “Este jovem pode ser um perigo ao reino”. Ao que o rei respondeu: “Vou assumir qualquer consequência”. Um dia, o rei decidiu viajar e chamou o jovem: “Quero que se responsabilize pelo meu reino em minha ausência”. O jovem ficou sem palavras. O rei disse: “Vais dormir. Amanhã, terminaremos a nossa conversa”.

O jovem ficou preocupado, foi se deitar, mas, na verdade, não conseguiu dormir durante toda noite, pensando na proposta do rei. Ainda na madrugada, o jovem se lembrou da lição do seu mestre: "Quando lhe for atribuída uma responsabilidade, não a recuse”. Depois de amanhecer, foi até o rei e disse-lhe: “Aceito a sua proposta. Pode me deixar com o seu reino. Vou cuidar dele”. O rei ficou muito satisfeito. Então, convocou uma reunião para informar ao povo de que o jovem seria seu representante em sua ausência.

O povo nunca tinha gostado do jovem, principalmente agora como seu representante. No entanto, não podiam reclamar da decisão do rei. Foi aí que decidiram convocar uma reunião, na qual criaram estratégias para atrair o jovem e o rei seria obrigado a matá-lo. Concordaram, então, que a única forma de fazer o rei desacreditar do jovem seria envolvê-lo com uma das esposas do rei. O povo falou com as esposas do rei e elas concordaram com o plano!

No primeiro dia da tentativa, a dona da casa foi até o rapaz e lhe disse: “Venho dormir contigo. Como és o nosso responsável, então podes tomar o lugar do rei”. O jovem respondeu: “Não posso. Este não foi o meu combinado com o rei”. A mulher insistiu até amanhecer, mas não convenceu o jovem. A dona da casa foi ter com os mentores. Explicou-lhes tudo. Então, pensaram que talvez a razão da recusa do jovem seria pela idade elevada da mulher. Assim, decidiram enviar a segunda esposa do rei. Depois de anoitecer, a segunda esposa do rei foi com o mesmo propósito. O jovem igualmente recusou. Ela ficou até o amanhecer e nada aconteceu. Ela voltou e explicou o sucedido.

Na última tentativa, decidiram enviar a noiva do rei. Como ela era a mais jovem, talvez conseguisse convencer o jovem. Desta vez, ele não lhes poderia escapar, dizem os mentores. A noiva do rei preparou-se bem. Depois de anoitecer, foi ter com o jovem com o mesmo intuito, mas nada funcionou. O povo decidiu mudar de planos.

Foi assim que, desta vez, envolveram a noiva do rei com o jovem mais famoso do reino. Assim, quando ele engravidasse a noiva do rei, iriam atribuir culpa ao jovem braço direito do rei. Depois da reunião, a mulher e o famoso jovem concordaram. Satisfeitos, acreditaram que finalmente tudo daria certo. Conforme o combinado, o jovem famoso começou a se relacionar com a esposa do rei.

A mulher ficou grávida. Em alguns dias, o rei mandou recado de que voltaria nos próximos cinco meses. Antes da chegada do rei, a mulher teria seis meses de gravidez. Justamente depois de cinco meses, o rei voltou, foi recebido e cumprimentado por todos/as, menos por sua noiva. Todo o reino foi lá para ver qual seria a reação do rei face a situação ou como o rei iria matar o jovem. O rei disse: “Vi todos, menos uma pessoa, a minha noiva.

O que está acontecendo? Estão escondendo algo de mim? Sabem que, de qualquer jeito, sou o vosso rei. Não podem esconder nada de mim. Sou o responsável.” O povo começou a murmurar. O rei mandou chamar a noiva. Ela veio com uma barriga de seis meses de gestação. O rei não acreditou e mandou todo mundo ir embora. Chamou a sua mulher mais velha e perguntou-lhe sobre o ocorrido. Ela respondeu: “Você nos entregou nas mãos daquele jovem. Por que confiou nele mais do que em qualquer um deste reino? Foi ele quem fez este trabalho”.

O rei não acreditou. Chamou a segunda esposa. Ela falou a mesma coisa. Por último, chamou a própria noiva. Ela também afirmou a mesma coisa. Assim, o rei convocou uma reunião dos mais velhos, os quais também confirmaram a mesma versão da história. Disseram ao rei: “Nós avisamos ao senhor de que não devia confiar neste

jovem. Ele poderia trazer perigo ao reino. Agora já viu". O rei chamou o rapaz e pediu-lhe explicações.

Mas o rei não acreditou nele. Mandou todos embora. O rapaz ficou abalado com a situação. Foi dormir e se lembrou da segunda lição do seu mestre: "Se não fizeres nada, não deve temer" ou melhor "quem não deve não teme". O jovem ficou um pouco mais tranquilo. No reino, havia um local de punição, no qual as pessoas eram decapitadas. Primeiro, o rei mandava a pessoa que seria punida a cavalo. Depois, mandava uma segunda pessoa, a qual trazia a cabeça ao rei. Todos que trabalham ali, portanto, sabiam que a primeira pessoa que chegasse ao local seria decapitada.

Depois de amanhecer, o rei mandou o jovem montar no cavalo. Indicou-lhe essa localidade. O jovem foi correndo, com pressa, pois o rei lhe disse que era urgente. O jovem estava correndo em grande velocidade, mas de repente uma mulher velha saiu e começou a chamar o jovem: "Meu filho, meu filho. Espera!" O jovem não queria esperar, mas lembrou a última lição do seu mestre: "Por mais que estiver com pressa, quando alguém lhe chamar, pare e escute o que essa pessoa tem a dizer". O jovem parou. A velha convidou-o para o almoço, dizendo-lhe: "Meu filho,você pode estar com fome".

Durante aquele diálogo, o outro jovem famoso do reino passou em grande velocidade para pegar a cabeça do jovem, mas ambos não sabiam de nada. O jovem terminou a conversa com a velha e seguiu a sua viagem. Finalmente, havia chegado ao destino para o qual foi mandado. Lá, então, foi entregue a cabeça do jovem famoso. Quando o cavalo se aproximou da cidade, os que suspeitavam o que ia acontecer pensaram que iriam se livrar do jovem. Mas, felizmente, o jovem apareceu com a cabeça do outro traidor. Todo mundo ficou pasmado. O rei disse ao seu povo: "Este jovem é inocente. Tentaram humilhá-lo, mas Deus fez a justiça". Os mais velhos admitiram que foi traição. Então, o rei, como não tinha herdeiros, decidiu nomear o jovem como o novo rei.

Ema vem todos os anos[7]

Este conto de Andrea Fernandes foi extraído do Blog Leitura dos girassóis Disponível em:https://leiturasdosgirassois.wordpress.com/2019/04/17/ema-vem-todos-os-anos-conto-de-andrea-fernandes-2014/. Acesso em: 09 de novembro de 2023.

[7] A fonte deste conto é o blog Leitura dos girassóis Disponível em: https://leiturasdosgirassois.wordpress.com/2019/04/17/ema-vem-todos-os-anos-conto-de-andrea-fernandes-2014/. Acesso em: 09 de novembro de 2023.

Às sextas-feiras nas ilhas a chegada do barco vindo de Bissau era um grande acontecimento. O navio trazia pessoas, cargas, presentes, notícias boas e ruins. Neste dia, desde cedo flutuava no ar um cheiro a novidade, inesperado, e quando se ouvia mugir a sirene à entrada do canal, ainda ao longe, as crianças nos bairros desatavam aos pulsos dando gritos e vivas.

As pessoas afluíam ao cais a diversas velocidades , os miúdos a correr, as mulheres e os idosos a arrastarem os chinelos, os marinheiros da capitania apressavam-se a estender uma corda a meio da ponte- cais para reter a multidão. O melhor local para ver de alto a descida dos passageiros era a varanda do bar Dalilann, mesmo em frente ao cais, e foi lá que eu e o Lamine instalamos numas cadeiras de plástico para assistir o espetáculo.

Para o Lamine tratava-se de algo habitual, ele nunca fora viver outro sítio, mas para mim, que passei oito anos fora e acabara de regressar às ilhas, este retornar de hábitos antigos despertava em mim uma espécie de alegria sonsa, um reviver de estados de espírito esquecidos onde não cabiam preocupações nem alertas de perigo iminente. Confrontado no íntimo, acomodei-me na cadeira a olhar. O barco atracara sem percalços, com a maré a descer e pela escada de cordas e paus escangalhados começavam a descer os primeiros passageiros.

- Tchetchu, olha quem vem aí- disse o Lamine com ar de deboche. você lembra dele?
- Não é o Kike da praia, aquele que sempre convidava as moças para ir à praia?
- O mesmo. E continua igual a si próprio, só que agora convida elas para virem passar o final de semana aqui.

O Kike da praia passou por nós sem olhar, ocupado em cuidar que a sua acompanhante não enfiasse os saltos altos nos buracos da rua.

- A de hoje é bonita- comentou o Lamine- Muito melhor que a que trouxe da última vez. A da última vez era feiosa e metia os joelhos para dentro, mas era funcionária internacional, acho que é do Congo Brazavile, e quando Kike convida alguém, tem sempre suas razões…
- O que ele tem é um grande sentido de oportunidade. Dizemos isso, para não falar outra coisa, percebe- se.

E pusemos a rir ao mesmo tempo, contentes por fazermos fofoca juntos como antigamente. Os passageiros continuavam a desfilar por baixo do terraço do bar, alguns eu conhecia, muitos outros que não, quando o Lamine endireitou- se na cadeira e chamou

a minha atenção para um casal aparentemente estrangeiros que se aproximavam e daí a pouco iriam passar por nós.

- E daquela mulher você lembra?
- Mn… Não - disse eu sem reconhecer ninguém. Quem é ?
- A nossa Ema.
- A nossa Ema? Ela ainda vem cá passar as férias?
- Vem sim. A Ema vem todos os anos- E o Lamine levantou- se para acenar a mulher, enquanto eu, espantado, percorria com os olhos a figura dela e do acompanhante.
- Ema! Gritou- você veio.

A mulher respondeu ao aceno com um sorriso e quando passou por nós olhou para cima e disse: - Lamine, como você está? Quanto tem! Vemo-nos depois, está bem. E afastou- se de rua acima, ladeada por um moreno de braços nus. Entretanto eu afundava-me na minha cadeira, aturdido pelo que acabava de ver. A Ema não me reconheceu, claro, a oito anos de distância do adolescente que eu era da última vez que nós víramos.

Depois disso o Lamine e eu fizemos mais nenhum comentário. Só ficamos em silêncio, meio pensativos. A "nossa" Ema. A Ema radiante da minha adolescência, daquela minha interminável adolescência. Todos nós gostávamos dela. Era gentil, generosa, preocupava- se com a saúde das pessoas e ajudava no que podia. Tinha bons contatos na Europa e era capaz, com esforço e persistência de conseguir passagens de avião e até motores fora de água para pescadores. Não é que ela tivesse conseguido em muitas ocasiões isto que eu acabo de dizer, na verdade foi só uma vez de cada, para um doente, um estudante e um pescado, mas o efeito entre as pessoas nas ilhas foi de multiplicar cada facto por vários e junto com isso engrandecer a fama da Ema.

A nossa Ema de outrora era fascinante e bastante engraçada. Mais baixa do que alta, bem-feita com os olhos imensos que pareciam estar sempre a reconhecer o mundo à sua volta com mistura de surpresa e gratidão, isso notava- se a primeira e ficava- se logo a gostar dela. Olhos doces azuis, também usava os cabelos compridos, uns cabelos loiros escuros dourado com um bocado de ondas na curva do pescoço, e uma de suas características era de não usar sandálias nem chinelos, porque não queria apanhar bicho (djigam), já tinha apanhado uma vez e quase lhe tiveram de operar o pé.

O acompanhante da Ema sempre era um rapaz. A Ema vinha de Bordeaux até Dakar, e lá fazia o caminho até Bissau de carro, naquele Sept- Places. Devia ser que arranjava conhecimento com o rapaz em Davar visto que os seus acompanhantes sempre falavam francês, eram africanos, nunca o mesmo. Digo "rapaz" porque eram sempre mais

jovens que ela, ela não dissimulava, acariciava o seu amante em público e ele a ela, abraçavam- se trocando beijos em qualquer lugar e dormiam no mesmo quarto, na mesma cama do hotel.

O rapaz acompanhante de turno acontecia ser alto e delgado, elástico, elefante nos gestos e no andar, atencioso e discreto. A Ema tinha os seus gostos e sabia escolher. E eu gostava dela mais que ninguém. Da última vez que a vi, naquela minha maldita adolescência, esperei que o acompanhante saísse, acho que eu sabia que a essa hora ele iria para a mesquita rezar, e entrei no seu quarto. A cena não foi nada heróica. Nem nada do que eu tinha planejado na minha imaginação. Tinha preparado um monte de incandescências para lhe dizer, mas no último momento fiquei sem fala, caí de joelhos à sua frente e abracei-me as suas pernas.

Ela não me afastou, ficou em silêncio e deixou- se estar quieta durante alguns segundos. Inclinou- se e fez-me levantar com suavidade. Pegou- me nos ombros, deu-me um beijo ao de leve na boca, apenas um roçar de lábios e mandou- me embora.

- Já vai passar… Disse- me baixinho quando saí, como quem consola uma criança doente, tive raiva e vergonha que ela sentisse pena de mim. Isso foi tudo. Não contei a ninguém, não tornei a ver ela. Nadava em confusão, e a oportunidade de recrutamento que apareceu naquela altura vinham- nos buscar, aos rapazes de helicóptero e às pressas deixei- me e que me mandassem para a formação onde lhes apetecesse. Não me importava para onde ir e mesmo que importasse dava na mesma, porque são eles que decidiam.

Passei oito anos longe do meu país e da minha família, metade num país quente, e a outra metade num país gelado. Depois disso, passei a ser considerado um fuzileiro graduado, e no regresso mandaram-me trabalhar nas ilhas, minha origem. O Lamine continuávamos em silêncio. Agora do barco só desciam tábuas, bidões de gasóleo e sacos de arroz. A maré continua a descer, e eu a descer com ela.

É que a Ema que hoje vimos vir na nossa direção e depois passar por nós, já não era a mesma. A silhueta perdeu a graça até parecia menor e cansada. No lugar daqueles longos cabelos que me encantavam agora uma penugem curta e descolorida. Ficaram apenas os olhos a brilharem no rosto, tão azuis como dantes, pedacinhos de cristais a nadar num mar de rugas, a nossa Ema envelheceu.

Bom, envelhecer todos nós estamos sempre a envelhecer. É a vida, e se assim não fosse, não imagino o que faríamos. Mas o drama não era esse, chorar aos gritos é que o atual acompanhante da Ema não tinha nada a ver com os anteriores que lhe conhecera, os

rapazes de figura de elefante e bem parecidos. Embora também jovem assemelhava- se a uma figura *dread* de banda desenhada, com uma *rasta* malcuidada, tatuagens duvidosas nos braços nus e um ar decadente, como alguém que se alimentava mal e que já fumou muita maconha na sua vida. Um valente pedaço de nada, fiquei com raiva. Meu deus, era essa a acompanhante que a Ema conseguia arranjar agora? O espetáculo para mim terminou. Senti calor, vontade de destroçar em qualquer coisa.

- Aonde chegamos- murmurei entre dentes, ao passo que o Lamine ao mesmo tempo me perguntava.
- Tchetchu, você também tinha se apaixonado pela nossa Ema?

Glossário

Tchetchu- "É o nome do narrador do conto, um jovem que emigrou, retornou às suas origens e se vê abalado pela passagem do tempo, sentimentos que ressurgem quando retorna os velhos hábitos".

Ema- É uma turista que visita e estabelece ligações com a terra e com os conterrâneos de Tchutchu.

Bissau- É a capital da Guiné- Bissau.

Bicho djigam- É um bicho dos porcos que pega as pessoas nos pés ou pelas mãos.

O Jagudi e o Falcão

Este conto foi extraído nas redes sociais, através do site Biblioteca Digital- Livros e Manuais Escolares (período pós colonial) - O nosso livro de leitura quarta classe. Paulo Pereira, et al, 1986, 1990, 128 págs.

Disponível em: http://memoria-africa.ua.pt/Library/ShowImage.aspx?q=/Geral/L-00000036&p=10. Acesso em: 21 de novembro de 2023.

[8]

Um dia, o Jagudi encontrava- se pousado numa árvore à espera de ganhar carne morta recebeu a visita de Falcão que veio posar ao lado dele. O Falcão depois de contemplar, em silêncio o Jagudi censurou-o de imediato:

- Você que tem bicos tão grandes e asas como velas dos barcos, deveria ir por esse mundo fora, à procura de caça, como faz toda a gente.

Então, o Jajudi respondeu-lhe logo

[8] Disponível em:http://memoria-africa.ua.pt/Library/ShowImage.aspx?q=/Geral/L-00000036&p=10. Acesso em: 21 de novembro de 2023

- Eu não gosto de fazer mal a ninguém, pois fico contente com as carnes dos animais mortos, que eu encontro pelo caminho. É a norma de conduta, porque é o comportamento que está mais ajustado à minha espécie.
- Pois, eu não penso do mesmo modo que nem você- declarou o Falcão. De esperar a carne morta, eu apanho qualquer animal que aparece pela minha frente. Olha, você aquela pomba pousada no ramo daquela árvore aí? Não me escapa.

Quando o Falcão acabou de dizer isso, voou como uma flecha, em direção à Pomba. Mas era tal a velocidade que levava, para mostrar ao Jagudi que era capaz de caçar a pomba, que foi bater, violentamente a cabeça no tronco de uma árvore, caindo no chão desmaiado e quase morto. Entretanto, a pomba vendo o perigo que a ameaçava fugiu rapidamente.

Ao despertar, o Falcão muito assustado viu o Jagudi em cima dele esperando morrer.

Começou a implorar-lhe:

- Tio Jagudi, não me faça mal! Bem que você vê, ainda não estou morto…

O Jagudi respondeu- lhe:

- Pode morrer tranquilamente, porque eu sou muito paciente. Nunca tenho pressa. Só quero dizer a você, que já não vai escapar.

Passados alguns minutos, o Falcão soltou o seu último suspiro.

Então, o Jagudi vendo- o morto foi lá e começou a comer o arrogante.

Glossário

Jagudi = É uma ave bem conhecida por maior parte das pessoas na Guiné- Bissau, é fácil ser observado nas cidades e tabancas (aldeias), frequentemente em pequenas lixeiras, matadouros e portos onde se alimentam de desperdícios deixados pelos humanos e também de animais mortos. O seu papel ecológico na natureza é essencial, ajudando a eliminar doenças e parasitas. Escasso no sudeste e no sul do país. Embora ainda seja abundante na Guiné- Bissau está muito ameaçada.

Fonte: https://www.infoescola.com/wp-content/uploads/2010/10/abutre-preto_178516436.jpg

Falcão = substantivo masculino Ave de rapina diurna, poderosa e veloz, da família dos falconídeos, do gênero Falco, com aproximadamente 50 cm de comprimento. [Popular] Nome comum dado ao gavião. Nome que antigamente se dava às peças de calibre 3.

Fonte:https://blog.pescagerais.com.br/wp-content/uploads/2021/07/falcao-peregrino-falco-peregrinus-falconidae.jpg

O Menino mentiroso[9]

Este conto foi extraído do livro " O NOSSO LIVRO DE LEITURA", de quarta classe antiga , publicado pela Imprensa Nacional da Guiné- Bissau (INACEP) em Bissau. Disponível em: *http://memoria-africa.ua.pt/Library/ShowImage.aspx?q=/Geral/L-00000044&p=7. Acesso em: 21 de novembro de 2023.*

O Xavier passava a vida somente mentindo, mentia para os amigos, Professores e até para os seus pais. Mentia tanto que já não sabia se alguma vez chegou a falar verdade. Um menino assim tinha de ser castigado.

Certo dia, o Xavier resolveu ir tomar banho perto de uma bolanha onde trabalhavam algumas mulheres da sua tabanca.

Em dado momento começou a gritar:

- Acudam que eu estou a afogar-me! Acudam, que eu estou afogar-me!

Aflitas, as mulheres correram mas, quando chegaram ao rio, viram o Xavier a nadar de costas rindo delas.

Zangadas ralharam com ele, só que ele não se ligou. Repetiu essas mentiras com outras pessoas por diferentes dias, até que…

- Socorro! Acudam- me, que morro afogado!

- Gritou desta vez com toda a sinceridade, realmente se sentia sem forças.

Como já não acreditavam nele, ninguém lhe acudiu e se não fosse o irmão mais velho que passava de bicicleta, teria morrido.

Daí para frente, o Xavier criou juízo e nunca mais mentiu para ninguém.

Glossário

Tabanca= Aldeia

A lebre e a Tartaruga[10]

Este conto foi extraído do livro digital de quarta classe antigo. Disponível em: http://memoria-africa.ua.pt/Library/ShowImage.aspx?q=/Geral/L-00000044&p=17. Acesso em: 21 de novembro de 2023.

[9] Disponível em: http://memoria-africa.ua.pt/Library/ShowImage.aspx?q=/Geral/L-00000044&p=7. Acesso em 21 de novembro de 2023.

[10] Disponível em: http://memoria-africa.ua.pt/Library/ShowImage.aspx?q=/Geral/L-00000044&p=17. Acesso em: 21 de novembro de 2023.

A Lebre andava a gabar- se, diante de todos os animais, que ninguém corria mais que ela.

- Nunca perco uma corrida. Desafio qualquer um!

- Aceito o desafio! - Disse um dia a tartaruga, já farta de ouvir.

- Até parece brincadeira! Eu, a correr contigo, até posso descansar um pouco pelo caminho! … Disse a Lebre.

- Guarda a sua vaidade até o fim da corrida- recomendou- lhe a Tartaruga.

Então, a Lebre aceitou o desafio.

A um sinal de partida, lá se puseram as duas em movimento: a Lebre aos saltos e a Tartaruga, do seu jeito muito vagaroso de caminhar.

Entretanto, a Lebre ciente de sua vitória, apenas deu uns saltos e pôs- se a dormir para demonstrar o seu desprezo pela companheira. Mas, a Tartaruga continuou a sua marcha lenta, muito preocupada em atingir a meta, assim que for possível.

Quando a Lebre acordou, já a Tartaruga ia perto da meta.

Então, fez um grande esforço e chegou primeiro à meta.

A Tartaruga disse então à Lebre, envergonhada, em frente de todos os animais que assistiam à disputa:

- A sua vaidade te fez perder, minha amiga!

- Para outra vez procure ser mais modesta…

O Prémio da Esperteza

Este conto foi extraído do livro de leitura, terceira classe publicado pela Imprensa Nacional da Guiné- Bissau (INACEP) em Bissau.

Disponível em:

http://memoria-africa.ua.pt/Library/ShowImage.aspx?q=/Geral/L-00000044&p=38.

Acesso em: 21 de novembro de 2023. P. 38- 39.

[11]

Na Guiné- Bissau, havia um homem que se julgava o mais esperto de todos. E, de tal forma que se gabava prometeu uma Vaca a quem o vencesse na esperteza.

Um dia, ouviu falar- se de um outro gênio que tinha fama de inteligente e resolveu visita-lo.

Mas, ao chegar em casa desse outro homem, só encontrou o filho. Questionou-o:

- Onde está o seu pai?

[11] Disponível em: http://memoria-africa.ua.pt/Library/ShowImage.aspx?q=/Geral/L-00000044&p=38. Acesso em: 21 de novembro de 2023.

- Está a puxar, para mais perto da nossa casa, o campo em que cultivamos arroz e amendoim- respondeu-lhe o rapaz.
- Você não está bem da cabeça! Como é possível trazer um lugar para mais perto de casa?
- Então o Senhor não sabe que pode- se puxar um lugar?
- Não, não sei!
- Pois pode. Quando limpa- se o caminho o qual você costuma caminhar para sua propriedade, este fica mais próximo, porque não existirá, pedras, buracos ou troncos das árvores atravessados. O caminho torna- se mais fácil de percorrer.

Assim demora- se menos tempo a chegar- lá e parece mais próximo.

O homem achou a resposta tão inteligente que disse ao rapaz:

- Eu tinha prometido dar uma Vaca a quem mostrar mais inteligência que eu.
- Por isso, vim experimentar o seu pai. Mas já não é preciso, porque você provou ser muito inteligente me dando lição de moral.

É com grande alegria que te ofereço a Vaca, ela está amarrada aí no tronco da árvore.

Como se salvou o cabrito

Este conto foi extraído do livro de leitura digital "O nosso livro de leitura", de quarta classe antiga, publicado pela Imprensa Nacional da Guiné- Bissau (INACEP) em Bissau. Disponível em: http://memoria-africa.ua.pt/Library/ShowImage.aspx?q=/Geral/L-00000044&p=40. Acesso em: 21 de novembro de 2023.

[12]

Certo dia, estava o cabrito muito desocupadamente saborear tenra erva, numa lála sem saber que por perto se encontrava o lobo que o vigiava.

Entretanto, o lobo foi se aproximando muito devagar até ficar pelo do cabrito.

Quando este levantou a cabeça se deu com o lobo nas vistas, já não tinha como fugir.

Muito assustado, disse então para o lobo:

- Não me faça mal, tio lobo, porque ainda sou pequeno!

Mas o lobo, que estava com grande vontade de comê- lo, respondeu- lhe assim:

- Fique tranquilo, que não vou te comer agora. Irei levar você para um sítio onde haja sombra, para poder descansar, depois que te comer.

Logo que acabou de falar, atirou- se ao pobre cabrito e o levou bem agarrado pelos dentes.

Pelo caminho encontraram a leoa, que estava deitada.

[12] Disponível em: http://memoria-africa.ua.pt/Library/ShowImage.aspx?q=/Geral/L-00000044&p=40. Acesso em: 21 de novembro de 2023.

Atrapalhado, o lobo cumprimentou a leoa a tremer: disse que vinha oferecer- lhe o cabrito.

Mas ela respondeu ao lobo:

Não quero somente comer o cabrito, mas você também.

O lobo tentou convencer a leoa que mudasse de ideia, mas essa atirou- se a ele e comeu- o.

Entretanto, no meio daquela confusão, o cabrito aproveitou para fugir e foi assim que se escapou da morte.

Glossário

Lála= Savana

O Joaquim-Doido[13]

Este conto foi extraído do Livro "O nosso livro de leitura", de quarta classe antiga, publicado pela Imprensa Nacional da Guiné- Bissau (INACEP) em Bissau. Disponível em: http://memoria-africa.ua.pt/Library/ShowImage.aspx?q=/Geral/L-00000044&p=62. Acesso em: 21 de novembro de 2023.

De entre as várias espécies de ratos que vivem na nossa terra, existe um que possui um comportamento original: tudo o que consegue apanhar- pequenas peças de roupas, canetas, diversos alimentos, joias, moedas, etc. transporta para o seu esconderijo.

É do tamanho de um gato jovem, tem cor acinzentada escura e possui uma longa cauda, tão comprida como o próprio corpo.

Vive geralmente nos quintais das casas ou em terrenos próximos. Esconde- se nas tocas, que constrói junto das árvores e das paredes.

A sua esperteza é tanta que, por vezes, cava junto das paredes, longos buracos no chão, que lhe dão acesso ao interior das residências.

Anda sorrateiro, principalmente pela calada da noite, em busca de alimentos e outras coisas que depois arrasta para sua toca.

Sempre que as pessoas dão pelo desaparecimento de coisas ou objetos, logo desconfiam que o ladrão é o Joaquim-doido, nome vulgar porque é conhecido este rato

[13] Disponível em:http://memoria-africa.ua.pt/Library/ShowImage.aspx?q=/Geral/L-00000044&p=62. Acesso em: 21 de novembro de 2023.

amigo alheio. Então, procuram descobrir- lhe a toca o que, por vezes, é muito difícil e colocam junto dela uma pequena lata contendo uma bebida alcoólica bem açucarada. O guloso do Joaquim doido, logo que descobre esse bebedouro, ingere o líquido e, depois, fica embriagado.

A partir desse momento, como que arrependido da sua má ação pela pilhagem que fez, passa a ser um rato bom: tira para fora do esconderijo tudo o que lá conseguiu armazenar, assim devolvendo às pessoas aquilo que tinha furtado, porém, no dia seguinte, perde de novo a dignidade e volta a transportar para seu esconderijo tudo o que lhe aparece pela frente.

O Joaquim-doido, que mais acertadamente deveria ser designado por rato- ladrão, não deixa de ser um bicho curioso, pelo seu comportamento estranho. No entanto, ele dá- nos um mau exemplo de desonestidade, pois vai obtendo, pelo furto, aquilo que não lhe pertence e que aos outros custou a ganhar.

Glossário

Tocas = Buracos

O Cã e o Lobo[14]

Esse conto foi extraído nas redes sociais, através do site Biblioteca Digital- Livros e Manuais Escolares (período pós colonial) - O nosso livro de leitura da terceira classe antiga. Disponível em: http://memoria-africa.ua.pt/Library/ShowImage.aspx?q=/Geral/L-00000036&p=7. Acesso em: 21 de novembro de 2023.

Um dia, o cão foi caçar para o Mato.

Mas, em vez de lebres encontrou o lobo, que gostava de atacar os bois e por vezes os rebanhos de cabras.

Fingindo- se amigos, logo ali fizeram um contrato a pedido do lobo.

Este ensinaria o cão a uivar, o cão por sua vez, teria que ensiná-lo a farejar.

[14] Disponível em: http://memoria-africa.ua.pt/Library/ShowImage.aspx?q=/Geral/L-00000036&p=7. Acesso em: 21 de novembro de 2023.

Convencido que tinha enganado o cão, o lobo começou logo a uivar até que o cão aprendeu. Mas este, quando o lobo pediu que lhe mostrasse como é que se fareja virou-lhe as costas gritando:

- Se eu ensinar você a farejar à cama, me ias matar.

O Cão e o Gato

Este conto foi extraído do Livro de terceira classe antiga. Disponível em: http://memoria-africa.ua.pt/Library/ShowImage.aspx?q=/Geral/L-00000044&p=38. Acesso em: 23 de novembro de 2023.

Antigamente, o Cão e o gato eram amigos. Ambos viviam na mesma casa, caminhando e brincando sempre juntos.

No entanto, um dia o gato acordou muito mal disposto e olhou para o cão, que dormia sossegadamente. E Como ele não tinha dormido bem, ficou com inveja do cão. Então, acordou- o e disse-lhe:

- Você passa a vida somente dormindo! Está sempre a dormir e não quer trabalhar!

O Cão por sua vez, ficou muito aborrecido, porque o gato o tinha acordado do seu maravilhoso sono e respondeu-lhe:

- E você trabalha? Você não trabalha porra nenhuma e está a refilar!
- Mas você é maior que eu e, por isso, deveria trabalhar para que possa seguir os seus exemplos! - Afirmou o gato.
- E você, como é o mais pequeno, devia trabalhar mais, porque os mais novos têm mais força e agilidade que os mais velhos! - respondeu- lhe o cão.

A discussão foi aumentando, até que ficaram zangados. Já não se entendiam.

Desde esse dia, o cão e o gato nunca mais ficaram amigos. Ambos não gostam de trabalhar, mas cada um sente- se incomodado com a presença do outro.

Desta maneira, acabou a boa amizade entre os dois animais, por causa de uma discussão sem importância.

O velho Sepu

Este conto foi extraído do Livro de quarta classe antiga. Disponível em: http://memoria-africa.ua.pt/Library/ShowImage.aspx?q=/Geral/L-00000044&p=81. Acesso em 23 de novembro de 2023.

O velho Sepu de cabelos brancos, pele enrugada e corpo já curvado pelo peso de muitos anos- tantos, que até já perdeu a conta, o velho caminhava vagarosamente pelas ruas da tabanca, apoiado a uma pequena bengala, que é a sua boa companheira de todos os momentos. Durante o seu caminhar, pára várias vezes.

Depois, toma novo alento e prossegue a sua marcha, lenta e despreocupada, pois não tem pressa de chegar ao destino. Percorrem a tabanca de ponta em ponta, várias vezes por dia, embora não tenha qualquer obrigação de o fazer. É que ele gosta de passear e, por isso, percorreu demoradamente os sítios em que se sente mais confortável, observando as crianças mais limpas e cuidadas, os locais onde os homens grandes da tabanca costumam conversar, após a jornada de trabalho.

As crianças gostavam muito dele e, sempre que o vêem, ao longe, correm em sua direção, gritando alegremente:

- Tio Sepu! Tio Sep!

Então, o velho Sepu, cujo rosto irradia uma enorme satisfação, senta- se junto de uma frondosa mangueira e fala para as crianças que o rodeiam. Ele conta- lhes lindas histórias da nossa terra e ensina-lhes os belos cantares do nosso povo.

Nas histórias que o velho Sepu conta às crianças, existe sempre a intenção de lhes aconselhar uma educação e a prática de boas atitudes para com toda a gente. Os bons conselhos do velho Sepu, para as crianças são conselhos de quem tem uma longa experiência da vida, para quem agora começa a despontar para a própria vida.

Noutros tempos, quando ainda podia trabalhar, o velho Sepu era agricultor e, nas horas vagas fazia trabalho de artesão. Mas, hoje, o seu corpo já perdeu a força para os trabalhos de campo e os dedos dantes muito hábeis, mostram- se agora incapazes de fazer belos trabalhos de artesanato, como antigamente.

A arte do velho Sepu é, agora, contar belas histórias às crianças. Talvez as histórias que ele ouviu também, quando era criança, a algum velho que, como ele agora, percorria a tabanca de ponta a ponta…

Glossário

Tio Sepu = Nome do idoso personagem principal do conto

Moranças(Guiné- Bissau) = Nome feminino, conjunto de casas numa aldeia, habitadas só por familiares, em poligamia.

Mangueira frondosa = Mangueira que está coberta de folhas ou tem muitas folhas. 3. Denso, espesso.

Velho = Idoso.

Sirá e Nima

Este conto trazido encontramos na monografia (graduação) de Aramatu Injai " Marcas de oralidade na escrita dos contos populares na Guiné- Bissau". Disponível em: https://repositorio.unilab.edu.br/jspui/bitstream/123456789/1792/1/2019_mono_aramatuinjai.pdf. Acesso em: 23 de novembro de 2023.

Era uma vez, numa tabanca (aldeia) bem distante vivia uma família com duas filhas, a primogênita se chamava Sirá ela e a irmã mais nova, não eram muitas amigas, pois a mais nova morria de inveja da Sirá. Certo dia, a Sirá foi lavar roupa na beira do mar, apareceu um peixe búzio, lhe cumprimentou, nem conseguiu responder por conta do susto que levou, porque nunca tinha visto um peixe a falar.

O peixe disse: - Não tenha medo! Não vou lhe fazer mal algum Ela ficou sem o que dizer e tremendo de medo, o peixe disse:

- O meu nome é Nima, vejo você sempre aqui sozinha e escuto suas cantigas. Gosto das suas cantigas, como é o seu nome?

- O meu nome é Sirá.

Ela citou o nome com a fala toda tremida, o peixe búzio percebeu que ela estava muito assustada e resolveu não chegar perto dela.

- Gosto de você, quero ser o seu amigo.

Ao escutar isso do peixe ela ficou um pouco mais aliviada, percebeu que o peixe não queria lhe fazer mal algum.

- Sim, podemos ser amigos.

A partir daquele dia a Sirá passou a visitar o peixe quando ia lavar roupas. Os dois se apaixonaram e começaram a namorar, cada dia que a Sirá ia visitar o Nima levava farinha de arroz na cabaça quando chegava, tinha a forma como lhe chamava. - Nima, Nima, Nima…

- Ele aparecia comia farinha e se divertiam um pouco, ela voltava para casa ao pôr do sol.

A irmã apreciava o comportamento dela todos os dias, um dia, ela disse a ela que queria ir com ela para o mar, com a intenção de descobrir o que ela fazia todos os dias lá, só que a Sirá conhecia ela e sabia que, se ela descobrisse vai querer fazer algum maldade contra o Nima, falou não, mas, ela insistia até que a Sirá bateu nela, só para lhe fazer desistir no caminho, ela resolveu fingir que voltou para casa.

Mas só que a Sirá não sabia que a sua irmã tinha poder de transformar num inseto, ela se transformou numa mosca, voou e foi pousar em cima da cabaça de Sirá, ela inocente estava muito apressada porque a irmã lhe atrasou um pouco no caminho. Na beira do mar tinha uma árvore, quando chegaram, a irmã se levantou e foi pousar numa folha de árvore onde podia assistir tudo.

A Sirá disse de novo:

- Nima, Nima, Nima...

Ele apareceu, ela deu a farinha, divertiu, a irmã assistiu tudo, voou de volta para casa, quando chegou contou para os pais que a Sirá namora com um peixe no mar, os pais e ela se reuniram para matar o peixe. No dia seguinte, a mãe ordenou a Sirá para ir à mata pegar lenha (madeira), para fazer fogueira a noite, assim que ela saiu a irmã pegou arroz na "Bemba" (depósito), para fazer farinha, "Bemba" é uma espécie baú usam para conservar arroz e outros produtos na tabanca (aldeia).

Botou arroz de molho, depois botou no pilão e machucou com o machucador, ao terminar de fazer farinha, chamou o pai para irem ao mar. Chegaram, e disse como a irmã dizia:

- Nima, Nima, Nima...

O Nima saiu e viu duas pessoas desconhecidas ficou meio desconfiado, mas, a menina lhe ofereceu a farinha na cabaça como a Sirá fazia, ele começou a comer, mas, com muita desconfiança, pois o homem que estava ao seu lado tinha segurado uma catana (facão), ao terminar de comer, ele deu costas para voltar no mar, o homem deu um golpe no pescoço com a catana, ele morreu, levaram o para casa.

Cozinharam, e tiraram a parte da cabeça botaram na comida de Sirá. Quando ela voltou de apanhar lenhas, viu a irmã toda feliz lhe cumprimentou e disse:

- A sua comida está aqui. Ela pegou na comida, tirou a tampa, deu de cara com cabeça, suspeitou logo pois aquela cabeça era parecida com a do Nima, porém, ela não tinha certeza, botou a tampa de volta, e foi direto para "Bemba", pegou arroz botou de molho machucou no pilão fez farinha, saiu correndo para o mar, a mãe foi atrás dela.

Chegou, e começou a chamar:

- Nima, Nima, Nima!

- Nima, Nima, Nima...

O Nima não apareceu, chamou de novo, só apareciam outros peixes, começou a chorar, e a cantar ao mesmo tempo.

-Nima lé fi dinmi Nima lé, té bu dinma fum...

A mãe dizia:

- Sirá, óh gã nalé n'doba lé n'doba gã n'bambol…

Enquanto cantava ela estava descendo a beira mar, a mãe estava lhe consolando e chamando para voltar para casa, mas, ela não a escutava.

Ela desceu no mar cantando essa cantiga até desaparecer na água. Uns dizem que ela se transformou num peixe búzio e odeia ser pescado, para ser capturado o pescador tem que ser muito experiente, pois se defende, e sua característica física tem ainda algumas partes em comum com do ser humano, as fêmeas têm órgão genitais e seios.

Glossário

Sirá = Nome da moça personagem principal do conto.

Nima = Nome do peixe que fala, namorado da Sirá

Cabaça = Artesanato, recipiente feito dos frutos de determinadas plantas, a que gera se corta a ponta da extremidade menor e retira-se a polpa para servir de gargalo, us. para guardar alimentos, sementes, água doce, vinho etc.

Tabanca = aldeia

Bemba = Depósito, uma espécie de baú usado para conservar o arroz.

Catana = Fação

Nima lé fi dinmi lé = (Música cantada por Sirá, quando descia para o mar (infelizmente, não entendemos nada sobre essa etnia).

Té bu dinma fum = (Música cantada por Sirá, quando descia para o mar (infelizmente, não entendemos nada sobre essa etnia).

Lobo e Lebre

Este conto trazido encontramos na monografia (graduação) de Aramatu Injai " Marcas de oralidade na escrita dos contos populares na Guiné- Bissau". Disponível em:

https://repositorio.unilab.edu.br/jspui/bitstream/123456789/1792/1/2019_mono_aramatuinjai.pdf. Acesso em: 23 de novembro de 2023.

Lobo e Lebre são amigos, certo dia a Lebre pediu para o seu amigo Lobo lhe acompanhar para ir visitar a sua namorada. Quando chegaram em casa dela, ela lhes serviu dendê cozido, os dois começaram a comer, a Lebre armando de mais inteligente, começou a jogar o caroço de dendê debaixo do Lobo sem ele perceber, ao terminarem de comer o pai da namorada saiu para lhes cumprimentar, perguntou a Lebre:

- Lebre, você não comeu?

Respondeu ao sogro:

- Comi sim, só que não como muito!

O pai da namorada entusiasmado com a resposta, falou:

- A minha filha come muito, e ela casará com homem que come muito, você não pode casar com ela, o Lobo come muito tem monte de caroço debaixo dele, ele casará com ela. A Lebre se arrependeu por ter feito aquilo, e não podia mais voltar atrás, o Lobo casou-se com a sua namorada.

O Menino Sene

Este conto trazido encontramos na monografia (graduação) de Aramatu Injai " Marcas de oralidade na escrita dos contos populares na Guiné- Bissau". Disponível em: https://repositorio.unilab.edu.br/jspui/bitstream/123456789/1792/1/2019_mono_aramatuinjai.pdf. Acesso em: 23 de novembro de 2023.

Era uma vez, numa tabanca distante vivia um jovem com a sua mãe, ele era o filho único. Certo dia os jovens da sua tabanca saíram para queimar a mata na outra parte da aldeia, levaram arroz na esperança de encontrarem um animal na caça durante a queimação, para servir de acompanhante de arroz. Mas, não foi o caso, pois os animais tinham fugido da mata para arrumar um outro abrigo.

Eles caçaram, só conseguiram, um animal eram muitos, porque todos os jovens da aldeia foram nesse acampamento, a carne da caça não daria para todos, logo, o superior deles falou assim:

- Vamos ter que matar uma pessoa para podermos acrescentar a carne, porque a carne não vai dar para todo mundo. Quando ele falou isso, todo mundo começou a brigar, pois

ninguém queria que o seu irmão ou irmã fosse morto para aumentar na carne da caça. Quando uma pessoa falava:

-Vamos matar fulano!

O irmão daquela pessoa não deixava que matassem. Nessa reviravolta, tinha uma pessoa que falou assim:

- Por que não vamos matar o Sene?

Como falei antes, o Sene era filho único, não tinha ninguém para lhe defender, todos concordaram para matá-lo. Chegou a hora de voltar para a tabanca, estavam todos preocupados, em como iriam levar a notícia na comunidade de que mataram o Sene! Resolveram dar a notícia antes de voltarem à tabanca. Botaram uma peneira cheia de arroz, cada pássaro que passava por perto eles o chamavam e faziam a proposta de levar notícia para a comunidade, muitos passaram, mas, não podiam cantar bem, até que passou um Pavão por perto, eles chamaram logo.

Explicaram ao Pavão tudo o que tinha passado, ela disse que podia levar a notícia, deram-lhe aquela peneira de arroz para comer, ao terminar de comer ele deu um grito:

- Kun'há, kun'há, kun'há! Saiu voando a tabanca, todas as mulheres tinham um lugar onde machucavam o arroz com um pilão e machucador para descascar, elas estavam lá, tinha umas árvores, elas ficavam debaixo delas para não pegarem o sol, pois faziam essa atividade no período da tarde.

O Pavão foi direto para lá, pousou numa árvore, começou a cantar: - Kun'há, kun'há, kun'há!

- Fomos caçar na outra margem da cidade, kuan'ah áh dé kun'ah, conseguimos uma caça, acrescentamos ela com o Sene, kuan'ah áh dé, kun'ah, Sene óh Sene Basangue, kuan'ah áh dé kun'ah!

Tinha uma menina que estava debaixo da árvore com as mulheres, machucando arroz, ele disse para elas escutem, esse pássaro está contando e chamando o nome do Sene, elas falaram logo para ela mentira como é que o pássaro sabe chamar o nome das pessoas!

O pássaro começou a cantar de novo elas escutaram, logo, começaram a chorar a Nhali mãe do falecido Sene, falou que vão ter que devolver o seu filho.

Os mais velhos da tabanca lhe consolaram, pois, cada mãe que os mais velhos falavam para devolver o filho para ela, as mães se negavam, ela acabou por se conformar com a perda.

Glossário

Pavão = Nome de uma ave na Guiné- Bissau.

Sene = Nome do filho único que foi morto para acrescentar a carne da caçada dos jovens.

Kun'há, kun'há, kun'há = Cântico entoado pelo Pavão, anunciando aos habitantes da aldeia a morte do Sene.

Nhali = Nome da mãe do Sene.

Tabanca = Aldeia.

Mulher e uma Coxa de Boi

Este conto trazido encontramos na monografia (graduação) de Aramatu Injai " Marcas de oralidade na escrita dos contos populares na Guiné- Bissau". Disponível em: https://repositorio.unilab.edu.br/jspui/bitstream/123456789/1792/1/2019_mono_aramatuinjai.pdf. Acesso em: 23 de novembro de 2023.

Havia uma tabanca, onde moravam uma mulher e o seu marido, ela subestimava o marido em tudo o que fazia. Chegou a época célebre em que cada aldeia tinha a sua data de fazer uma festa. Todos os homens da tabanca tinham que ir caçar, o homem dessa senhora foi, mas ele não conseguiu encontrar nenhum animal, todos os outros encontraram, ao voltar em casa, disse a sua esposa:

- Não encontrei a caça...

A mulher começou a brigar com ele, - todos os homens da cidade encontraram a caça menos você!

Seu inútil. Nunca consegue fazer algo, se eu for agora à procura mesmo que for no caminho de fonte vou encontrar carne.

Um espírito a escutou, quando ela foi para a fonte pegar água, na volta ela encontrou uma Coxa de Boi bem grande. Mas, ela não sabia que era um espírito que tinha se transformado numa Coxa, esse espírito é aquele que tinha lhe escutado quando estava brigando com o marido. Ela ficou feliz em ver aquela coxa, pegou nela e levou pra casa. Ao chegar em casa viu o marido sentado, disse logo:

-Viu, não te falei que eu ia encontrar carne mesmo que fosse aqui no caminho de fonte! O marido disse:

- Está bom já que encontrou prepara só.

Ela pegou numa faca, começou cortar a Coxa, a Coxa pegou na faca, cortou ela, ela disse:

- Ei! Pegou na faca, cortou de novo, a Coxa devolveu, ela desistiu, deixou a Coxa num canto da casa.

À noite, ela e o marido quando estavam se preparando para dormir, a Coxa veio e disse para ela:

- Eu vou dormir com vocês.

Ela ficou sem o que dizer, a Coxa subiu na cama e deitou- se no meio. Todos os dias fazia a mesma coisa, os vizinhos dessa senhora vivenciavam a situação começaram a comentar, "ela vivia subestimando o marido até ao ponto de trazer uma desgraça em casa, ela agora ela tem que aguentar tudo isso em casa, assim nunca mais vai reclamar com ele".

A mulher não estava mais aguentando a situação. Ela decidiu planejar uma fuga, falou para o marido que fugissem da cidade, ele aceitou. Arrumaram suas coisas sem que a Coxa percebesse, decidiram fugir a noite na hora que a Coxa fosse dormir. A noite a Coxa que não estava sabendo de nada, ficou com sono foi dormir. Os dois pegaram nas suas coisas e saíram da cidade. Quando estavam um pouco longe da cidade, a mulher lembrou que esqueceu a sua colher de pau que ela disse que não podia deixar ficar teria que ir buscá-lo.

O marido disse a ela:

- Vamos assim que chegarmos na outra cidade vou fazer outra colher, ela disse:

- Não posso deixar essa colher porque ela é que faz a minha comida ficar gostosa, eu vou buscar. Ela regressou para casa, ao chegar foi direto para onde ela guardou a colher. A casa dessa senhora era de barro, não tinha paredes muito altos, ela tinha botado a colher entre o telhado e a parede de casa, como estava com muita pressa, ela puxou a colher, mas, não tinha lhe agarrado com muita força, a colher caiu e fez um barulho acordou a Coxa.

A Coxa assustada viu a mulher e disse-lhe: - ah!

Vocês iam fugir pra me deixar aqui sozinha?

A mulher ficou sem palavras, a Coxa disse: vai me levar nas costas. Ela pegou a colher e botou a Coxa nas costas, fora ao encontro do marido. Ao chegarem o marido viu que ela tinha levado a Coxa, ele disse:

É! É! É! Você a trouxe de novo?

A esposa disse:

- Quando eu puxei a colher, caiu fez barulho que acordou ela.

Os três continuaram suas caminhadas passaram o dia todo caminhando, como naquele período era de celebração das festas nas cidades, estava tendo festa naquela cidade, chegaram a noite, estavam de passagem, viram a festa, todo mundo dançando no centro da cidade, decidiram assistir as danças um pouco para depois passar. A Coxa, que estava na costa da mulher, disse para mulher para lhe descer queria dançar um pouco, a mulher sem excitar, a deixou para dançar.

A Coxa estava gostando da música, ficou empolgada na dança, a mulher e seu marido perceberam logo que ela estava amando a música, ela disse ao marido:

- Vamos fugir sem que ela perceba. Os dois fugiram, quando estavam bem longe daquela cidade, a Coxa percebeu a ausência, começou a lhes procurar, mas não encontrou, disse:

- A! Ela teve sorte, nunca mais vai subestimar o seu marido!

N'bangasadi & Djamondi

Este conto trazido encontramos na monografia (graduação) de Aramatu Injai " Marcas de oralidade na escrita dos contos populares na Guiné- Bissau". Disponível em: https://repositorio.unilab.edu.br/jspui/bitstream/123456789/1792/1/2019_mono_aramatuinjai.pdf. Acesso em: 23 de novembro de 2023.

Havia um homem que era casado com duas mulheres, a primeira se chamava N'bangasadi, a segunda era Djamondi, desde o momento que o homem casou-se com a segunda esposa, ele parou de dar atenção à primeira, ela passou a ser isolada, tudo o que o marido queria pedia para a Djamondi, ela é que organizava tudo em casa, a N'bangasadi ficava triste mas não sabia o que fazer, ele era o seu marido, ela tinha que aguentar com aquela traição na sua cara. O marido delas era caçador, certo dia ele foi caçar, no caminho da mata viu uma árvore que tinha frutas maduras caídos no chão, ele apanhou e levou para casa, passando alguns dias ele voltou de novo para apanhar as frutas, encontrou com uma Onça, ele não sabia que as frutas daquela árvore eram comidas pela Onça. Quando viu a Onça, ele decidiu combinar com ela para matar a sua primeira esposa N'bangasadi, pois ele não queria mais ela, e queria se livrar dela de qualquer jeito, achou por bem que fosse dessa forma iria resolver tudo.

O homem falou para a Onça:

- Amanhã de madrugada, virá aqui uma mulher, assim que ela chegar pode comer ela, Onça falou: - tudo bem. O homem apanhou as frutas e voltou para casa, ao chegar em casa chamou a primeira esposa, ela foi responder, a Djamondi, ficou muito curiosa em saber porque será que o seu marido chamou a N'bangasadi e não ela, se escondeu atrás da porta para escutar o que o marido vai dizer a outra. O marido falou para N'bangasadi que:

- Quando eu estava vindo da mata, encontrei um pé de frutas, num local tinha muitas frutas maduras só não peguei porque estava muito cansado, queria que fosse apanhar pra mim amanhã bem cedinho. Ela sem recusar falou: - certo irei.

Eles não sabiam que a Djamondi estava a escutar atrás de porta, antes de nascer do sol a Djamondi saiu para o caminho da mata, ela foi apanhar frutas, porque queria agradar o seu marido, pois ela era a preferida dele, como é que ele foi pedir esse favor logo na N'bangasadi e não nela! O que ela não sabia é que o marido estava tramando para a primeira esposa. Ao chegar na árvore, viu a Onça sentado à espera talvez da N'bangasadi, ou dela, mas como a Onça não conhecia nenhuma das duas partiu por cima dela logo, à matou.

Ao amanhecer, a N'bangasadi saiu para ir percebeu que a outra já tinha ido, ela desistiu de ir logo, pegou na vassoura começou a passar pela casa, o marido saiu de dentro viu ela fazendo limpeza pela casa, entusiasmado perguntou a ela: - N'bangasadi, por que você não foi apanhar a fruta? Ela respondeu calmamente: - Quando acordei, percebi que a Djamondi já tinha ido, porque ela nos ouviu ontem, quando você estava a falar comigo, desisti de ir logo. O marido assustado falou: - É, É, É! Ela perguntou para ele, - o que foi? Respondeu: Nada.

Ele desceu para o caminho da mata, ao chegar encontrou a Onça do pé da fruta falou logo: - Não era ela que você tinha que matar era a outra, ela nos escutou ontem quando eu estava a falar com a outra, e veio logo de madrugada. A Onça falou para ele: - Mas você não me falou quem eu deveria comer, só me disse que vinha uma mulher hoje, por isso que comi ela. O homem saiu chorando no caminho de volta para casa, ao chegar em casa ele chamou a outra: - N'bangasadi, Djamondi está morta! Queria que fosse você, mas ela é que foi comida. N'bangasadi gritou: - Ei! A que ponto chegamos! Você não gosta de mim até ao ponto de me desejar a morte! Você combinou com a Onça para me matar. Agora a sua preferida é que morreu, pois, senhor Deus não deixou isso acontecer.

A família da N'bangasadi fora para casa dela, fizeram uma confusão danado com o marido, os vizinhos vieram acalmar a confusão, conversaram com o marido da N'bangasadi e ele pediu perdão a sua esposa e viveram juntos para sempre.

Glossário

Uivar: Verbo intransitivo, soltar a voz (falando de certos animais); dar uivos.
Farejar : Seguir levado pelo faro; fariscar.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Gostaria de dizer que chegar a esta fase não foi nada fácil. No início, o projeto era conseguir muito mais contos para essa coletânea, porém, no desenrolar das pesquisas, acabei conseguindo uma quantidade menor do que a esperada, mesmo assim, muito significativa; são 25 contos traduzidos. Como a literatura da Guiné-Bissau está em construção e é ainda muito baseada na oralidade, tive muita dificuldade em encontrar contos oriundos da Guiné-Bissau.

A distância entre o português brasileiro e o da Guiné- Bissau que, à primeira vista pode parecer pequena, acabou se revelando devido aos termos e expressões ligados à cultura guineense, considerando que muitos deles não se tornam transparentes ou ser entendidos por inferência contextual. Por outro lado, foi muito prazeroso revisitar palavras e expressões da minha cultura de origem e traduzi-las ou explicá-las aos brasileiros,

A coletânea aqui apresentadas tem grande relevância não só pelo resgate de histórias que estavam dispersas uma míngua de trabalhos de pouca visibilidade na internet e pela coleta de histórias de amigos meus da Guiné-Bissau.

A divulgação dessas histórias é importante para que os brasileiros possam ler e entender os ensinamentos, crenças, a cultura e a sabedoria do povo guineense transmitidos por meio dessas obras e por garantir a sua memória tanto no Brasil quanto na Guiné-Bissau, onde pretendo também divulgar esse trabalho junto aos meus amigos, familiares e, se possível, em escolas também. Esse trabalho certamente será valioso para outros

países de língua portuguesa para as gerações vindouras preservando e valorizando a cultura do meu país.

9 REFERÊNCIAS

Capa: Na Foto, está Ector Diogeneses Cassamá (Negado).Coordenador do grupo cultural Netos de Bandim da Guiné- Bissau, numa foto tirada durante o período do carnaval 2023 sob o lema: " Carnaval de Coesão Nacional e integração regional" representando um homem grande da etnia Bijagó (um idoso ou seja vovô) contador de histórias folclóricas guineense, vestido a rigor representando a sua cultura. Referência: BALDÉ, Mussa.Guiné-Bissau:carnaval, principal festa popular, chega ao fim. RFI, Bissau, 21 fev.2023.
Disponível em: https://www.rfi.fr/pt/%C3%A1frica/20230221-guin%C3%A9-bissau-o-carn

AUGEL, Moema Parente. **O desafio do escombro: nação**, identidades e pós-colonialíssimo na literatura da Guiné-Bissau. Editora Garamond, 2007. P. 422.

CARUSO, Carla. **Literatura oral- Histórias atravessam milênios.** Disponível em; https://educacao.uol.com.br/disciplinas/portugues/literatura-oral-historias-atravessam-milenios.htm. Acesso em: 25 de outubro de 2023.

CORREIA, Eugénio Nunes. Literatura como sistema: **O caso da Literatura guineense**. 2023. 16 p. Tese (Doutorado em Letras pela Universidade Federal de Paraíba). Disponível em: https://e-revista.unioeste.br/index.php/ideacao/article/view/30094/22116.Pdf. Acesso em: 04 de out. 2023.

Conselho Nacional de Cultura (Org.) (1977). **Mantenhas para quem luta!** A nova poesia da Guiné-Bissau. Conselho Nacional de Cultura.

COSTA, Regiane de Souza. **Exomo, Expoente da Literatura Hispano- Negro-Africana na Guiné Equatorial**. 2017. 39 P. Monografia (Graduação em Letras com Língua Espanhola e suas respectivas literaturas pela Universidade Estadual de Feira de Santana- Bahia). Disponível em: http://www.letrasespanhol.uefs.br/arquivos/File/Regianedesouzacosta.pdf. Acesso em: 04 de out. 2023.

CPLP. Os contos tradicionais da cplp. Disponível em: https://www.cplp.org/Default.aspx?ID=4547. Acesso em 09 de novembro de 2023.

CRUZ, Clauber Ribeiro. **A Coleção de Autores Africanos da Editora Ática**: as literaturas africanas no Brasil. 2018. 317 p. Tese (Doutorado em Letras). - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, 2018. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/server/api/core/bitstreams/506ab9e7-31. Acesso em: 04 de out. 2023.

FERNANDES, Márcia. Conto: o que é, características e tipos (com exemplos). Toda Matéria, [s.d.]. Disponível em: https://www.todamateria.com.br/conto/. Acesso em: 22 de ago. 2023.

FURTUNATO J. Carlos M.**O Hipopótamo dá carona ao lobo**. Disponível em: https://blogueforanadaevaotres.blogspot.com/search?q=O+hipop%C3%B3tamo+d%C3%A1+boleia+ao+lobo. Acesso em 06 de novembro de 2023.

FURTUNATO J. Carlos M.**O casamento do lebrão**. Disponível em: https://blogueforanadaevaotres.blogspot.com/search?q=o+casamento+do+lebr%C3%A3o. Acesso em 06 de novembro de 2023.

FURTUNATO J. Carlos M.**O casamento do lebrão**. Disponível em: https://blogueforanadaevaotres.blogspot.com/search?q=A+lebre+e+o+lobo+no+tempo+de+fom. Acesso em 06 de novembro de 2023.

GOMES, Justino. **Personagens e culturas Guineenses. Kikia Matcho e A Última Tragédia**, Entre tradição e modernidade. - Redenção. 2019, P.64.

INJAI. Aramatu. **Marcas da oralidade na escrita dos contos populares da Guiné-Bissau**. Monografia (graduação) - Instituto de Humanidades e Letras do Malês, Universidade da Integração da lusofonia Afro- brasileira. São Francisco do Conde. 2019. P. 58. Disponível em:

https://repositorio.unilab.edu.br/jspui/bitstream/123456789/1792/1/2019_mono_aramatuinjai.pdf. Acesso em: 23 de novembro de 2023.

LEITE, Joaquim Eduardo Bessa da Costa. **A literatura guineense: contribuição para a identidade da nação**. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2014. 326 p. (Tese de Doutoramento em Letras, área de Línguas e Literaturas Modernas, especialidade de Literaturas dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa). Disponível em: https://mail.google.com/mail/u/0?ui-2&ik-eb5c4d20e9&attid-0.1&permmsgid-msg-f:1728936576526100237&th-17fe6aa7f304a70d&view-att&disp-inline&realattid-f_l1gu4pve0.pdf. Acesso em: 04 de out. 2023.

MANÉ, Nembali: **Ensino de história em Guiné- Bissau: Colisões entre egocentrismo e realidades históricas do país**. São Francisco do Conde. Monografia (graduação)- Instituto de Humanidade e Letras dos Malês. Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro- brasileira. 2021. P. 104. Disponível em: https://repositorio.unilab.edu.br/jspui/handle/123456789/2340. Acesso em: 07 de novembro de 2023.

MATOS, Gislayne Avelar. **A palavra de contador de história.wmf Martins Fontes**. São Paulo. 2020.

MORAES, Rosalina Rocha de Araújo. **Origem do Folclore: origem do Folclore.** ***In:*** **infoescola**. **origem do folclore.** *[S.l.]*. 7 ago. 2017. Disponível em: infoescola.com/folclore/foclores- sobre-a-etimologia. Acesso em: 5 abr. 2022.

MANÉ, Nembali: Ensino de história em Guiné- Bissau: Colisões entre egocentrismo e realidades históricas do país. São Francisco do Conde. Monografia (graduação)- Instituto de Humanidade e Letras dos Malês. Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro- brasileira. 2021. P. 104. Disponível em: https://repositorio.unilab.edu.br/jspui/handle/123456789/2340. Acesso em: 07 de novembro de 2023.

Significado de Bolanha. Disponível em: https://www.dicionarioinformal.com.br/significado/bolanha/7405/. Acesso em: 06 de novembro de 2023.

SOUSA, Rafaela. **"África"; Brasil Escola**. Disponível em: https://brasilescola.uol.com.br/geografia/africa-continente.htm. Acesso em: 21 de Outubro de 2023.

SOUZA, Josiley de. **Literatura oral**. Universidade Federal de Minas Gerais/ UFMG/ Centro de alfabetização/ Leitura e Escrita- CEALE. Disponível em:https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/verbetes/literatura-oral. Acesso em: 22 de agosto de 2023.

SOUZA, Warley. "**Literatura africana";** Brasil Escola. Disponível em: https://brasilescola.uol.com.br/literatura/literatura-africana.htm. Acesso em 23 de outubro de 2023.